

Assinaturas

Ano — — — Cr.\$ 20,00
Semestre — — Cr.\$ 12,00
Pagamento Adiantado

O GLOBO

Anúncios e Publicações
de acordo com a
TABELA

REDAÇÃO
RUA 15 DE NOVENBRO N. 373
CAIXA POSTAL N. 50

REDATOR-CHEFE: ORLANDO PAULETTI

DIRETOR: ALEXANDRE CHITTO

(ORGÃO INDEPENDENTE)

ANO IX

S. PAULO

Ubirama, 14 de JULHO de 1946

BRASIL

NÚMERO 429

O Algodão e o Bicho da Sêda

ALEXANDRE CHITTO

Percorrendo as estatísticas agrícolas do município, encontrar-se-á que até 1924, aproximadamente, a lavoura algodoeira era apenas uma tentativa experimental, posta em prática pelas primeiras lavas japonezas que aqui ingressavam.

Depois, a lavoura algodoeira tomou um tal encremento que se tornou uma das principais fontes de riqueza, chegando mesmo a competir seriamente com a canavieira. Milhares de alqueires de terra foram tomadas pela plantação do «Ouro Branco». Instalaram-se diversas máquinas, proporcionando considerável industrialização da cidade.

E essa grande contribuição do «Ouro Branco» á nossa economia, por diversos modos, perdurou muitos anos, decaindo ha pouco tempo. Decadência, aliás, que se registrou profundamente também na zona de Marília, Tupã etc., localidades cujo rendimento agrícola é constituído por essa monocultura.

E, em 1924, quem poderia afirmar que o «Ouro Branco» passaria a desempenhar, depois, destacado papel na balança da nossa economia, favorecendo o desenvolvimento que hoje representa as pequenas propriedades agrárias? Naquela época houve mesmo quem dissesse que a lavoura algodoeira seria pura loucura de japonezes, porque as nossas terras não se prestavam para um promissor desenvolvimento.

Entretanto, as estatísticas passaram a falar alto, tanto no plantio, colheita e despacho do algodão em pluma.

Ora, ainda que atualmente se lhe dê pouca importância, futuramente poderá acontecer o mesmo com a criação do bicho da sêda. Não será totalmente descabido que a cericultura terá a seu cargo um papel importante na nossa economia, não obstante muita gente olhe para ela com certo pessimismo, julgando-a uma loucura japoneza.

Todavia, avaliando as circunstâncias que favorecem o seu desenvolvimento, chegar-se-á á conclusão do vulto que poderá alcançar a criação do bicho da sêda no município de Ubirama. Principalmente considerando que na cidade já existem diversas industrias dessa natureza e a exuberância das nossas terras constituem um campo valioso para o plantio das amoreiras.

Então, neste caso, não devemos perder tempo na encetivação da industria de sêda.

PROJETOS E CONSTRUÇÕES

ANTONIO PAUANATO

LICENCIADO

COPIAS HELIOGRAFICAS

Carteira Profissional n. 506/46 — Registro no Conselho Regional Engenharia Arquitetura n. R.—323/45.

Rua José Patrocinio

UBIRAMA

Ministério da Guerra

2.a R.M. — 2.a D.I.

Estado Maior

Junta de Saúde de UBIRAMA

Inspeção de Saúde para os cidadãos das classes de 1925 e 1926 a serem incorporados

I - O Comando da 2.a Região Militar, dando cumprimento ás ordens do Exmo. Snr. General Ministro da Guerra pelos rádios n.o 131-S de 17,132 de 20 e 137-S de 21, tudo de maio do corrente ano, faz saber aos interessados que, conforme prevê a nova Lei do Serviço Militar, serão convocadas para incorporação no próximo ano de 1947, as classes de 1925 e 1926.

II - A fim de que a incorporação se faça sem precipitações e retardos

que prejudiquem os cidadãos das referidas classes, haverá duas épocas de inspeção de saúde:

A) - A primeira, geral, será de 1.o de Agosto a 30 de Setembro de 1946, na sede do município de Ubirama, onde funcionará, nesse periodo, Junta de Saúde.

Aí devem comparecer, por conta própria, todos os pertencentes ás referidas classes.

Esse comparecimento deverá ser na seguinte ordem:

Classe de 1925:

De 1.o a 10 de Agosto, os nomes de A a H;

De 11 a 30 de Agosto os nomes de I a Z;

Classe de 1926 e os da de 1925 que ainda restarem:

De 21 de Agosto a 10 de Set., os nomes de A a H;

De 11 a 30 de Setembro, os nomes de I a Z.

Terão precedência, para a inspeção, os cidadãos deslocados dos seus distritos de residência, e já apresentados sobre os residentes na sede dos municípios.

B) - A segunda época, complementar, de 12 a 28 de Fevereiro de 1947, nos Pontos de Concentração, destina-se aos refratários e aos incapacitados temporariamente naquela inspeção, em condições a serem regulados por este Comando.

III - A incorporação dar-se-á no primeiro dia util de Março de 1947.

IV - A C. R. e Unidades Militares devem dar todos os esclarecimentos a quem os solicitar.»

(a) Henrique Lott

General de Brigada Henrique Batista Duffles Teixeira Lott - Comandante

de nossa terra terão mais uma excelente ocasião para assistir a uma empolgante partida, deflagrada entre lençoenses e laranjalenses.

Segundo temos conhe-

cimento, o técnico Sandro escalará o quadro á última hora, apresentando, talvez, surpresa com a inclusão de novos jogadores tirados do Aspirantes.

A. E. Laranjalense em Ubirama, esta tarde

Hoje, a A.E. de Laranjal estará em visita á nossa cidade, afim de encontrar-se amistosamente com o conjunto do C. A. Lençoense.

Sabemos perfeitamente que a turma de Laranjal virá disposta a levantar os louros da vitória, não obstante terem conhecimento das reais possibilidades da equipe lençoense, atualmente em

grande fôrma.

Enquanto que os pupillos de Sandro pisarão o gramado dispostos a não capitular diante do seu valoroso adversário de hoje.

Os lençoenses farão de tudo para desfazer a má impressão deixada contra o E.C. Noroeste, quando na partida do dia 30 do mês passado.

Assim, os esportistas

FIAÇÃO DE SEDA «UBIRAMA» LTDA.

E' de nósso conhecimento, que nessa nóvel industria existem inúmeras vagas para senhoritas que queiram trabalhar e ao mesmo tempo, adquirir uma profissão.

E', pois, uma ótima oportunidade para aque-

las que desejam ser possuidoras de um futuro melhor.

Qualquer informação a respeito, deverão se dirigir ao sr. Golhardo Orsi, M. D. diretor da Fiação de Sêda Ubirama Ltda.

Dr. João Paccola Primo

MÉDICO

Clínica geral de adultos e crianças - Cirurgia - Partos

Doenças do Ouvido, Nariz e Garganta

Ex-interno por concurso do Pronto Socorro do Rio de Janeiro — Ex-interno por concurso da Maternidade do Hospital São Francisco de Assis á cargo do Dr. Aguinaga. — Ex-interno residente da Casa de Saúde São Jorge (Rio de Janeiro)

Caixa 35 — Fone, 48 — UBIRAMA — Estado de São Paulo

Campinas terá um grande Aeroporto

A Prefeitura fará doação de 90 alqueires de terra

Durante a semana passada, divulgou-se que Campinas terá um grande Aeroporto. E que a Prefeitura fará doação ao governo de 90 alqueires de terra para a localização do mesmo.

E segundo ainda se propala, rotarianos campineiros e o prefeito municipal seguiram para o Rio de Janeiro, afim de pleitearem o grandioso melhoramento para Campinas.

Muito bem e digno de aplausos é o gesto daquela gente batalhar em prol da sua cidade e município. Mas 90 alqueires de terra a prefeitura ofereceu ao governo federal. E quantos mil cruzeiros custaria esse terreno? Onde os terá obtido o sr. prefeito de Campinas nessa época, quando a maior parte das prefeituras do interior estão caindo aos pedaços por falta absoluta de verbas?

Por exemplo em Ubirama? Não temos calçamento, não temos uma escola doméstica, não temos agua, não temos um posto de saúde e outras cousas que dizem respeito ao bem público. Não ha dinheiro para Ubirama, enquanto outras municipalidades tem-no para revertê-lo em beneficio do próprio governo federal, oferecendo-lhe 90 alqueires de terra.

Ora, nós aqui temos o caso do matadouro, que talvez seja uma das cousas que está dificultando a instalação da Usina no mesmo local.

Entretanto, a prefeitura não pôde dispor desse terreno, o governo

estadual quer vendê-lo e o I.A.A. talvez não esteja com muita vontade de gastar dinheiro com a aquisição daquele casarão, que para o bem da higiene e saúde pública deveria ser removido quanto antes. Pois, o matadouro municipal se acha localizado quasi que no centro da cidade.

Não sabemos se a razão está conosco, mas é isso mesmo.

A SÍFILIS
É UMA DOENÇA GRAVÍSSIMA MUITO PERIGOSA PARA A FAMÍLIA E PARA A RAÇA. COMO UM BOM AUXILIAR NO TRATAMENTO DESSE GRANDE FLAGELO USE O

ELIXIR DE NOGUEIRA
A SÍFILIS SE APRESENTA SOB INÚMERAS FORMAS. TAIS COMO:

REUMATISMO
ESCRÓFULAS
ESPINHAS
FÍSTULAS
ÚLCERAS
ECZEMAS
FERIDAS
DARTROS
MANCHAS

"ELIXIR DE NOGUEIRA"
CONHECIDO HÁ 65 ANOS
VENDE-SE EM TODA PARTE.

«Medicação auxiliar no tratamento da sífilis».

Bar e Restaurante «PAULISTA»

- DE -

Vitorio Coneglian

Bebidas nacionais e estrangeiras, doces, petisqueira á toda hora.

Rua 15 de Novembro, 813

Fone, 60

UBIRAMA

Venda de Crianças

Um telegrama de Paris vem revelar uma nova modalidade de mercado negro; o de crianças recém-nascidas. Funcionários da polícia declararam que há na capital francesa 50 «sociedades de adoção» intermediárias do estranho negócio. As parteiras funcionam como corretoras, informando-se ainda que o preço dos bebês varia de 100 a 400 libras esterlinas.

Notícias como esta não requerem comentários, e-las esclarecem num cínico fato a crise financeira e a crise moral que se sucedem às catástrofes sociais.

Assinem Leiam e Propaguem «O ECO»

Dinheiro arrecadado de Ubirama para os leproso do Estado de São Paulo, por d. Lula Masseran e entregue em mãos próprias á Sra. d. Conceição Santamaria, residente em São Paulo

Clidenor Masseran Cr\$20,00, Gino Bosi 20,00, Adib Maluf & Irmãos 20,00, Industrias Zillo Limitada 20,00, Nardy Zillo 20,00, José Ciccone Sobrinho 20,00, Assad Feres & Irmão 20,00, Paccola, Trecente & Cia. 20,000, José Garrido Gil 20,00, Lydio Bosi 20,00, Flavio Antonio Campanari 10,00, José Carlos Campanari 10,00, Cleide Marly Coelho 10,00, Vitorio Coneglian 10,00, Pedro Aiello & Irmão 10,00, Hugo Boso 10,00, J. M. Camargo 10,00, Silvio Bosi 10,00, Augusto Masseran 10,00, Walter Petenazzi 10,00, B. Brega 10,00, Anônimo 10,00, Anônimo 10,00, Anônimo 10,00, Benedito Pereira 5,00, Luiz Conti 5,00, Irmãos Andretto 5,00, Dileica Antonieta Batista 5,00, Cezar Fayad 5,00, João Brega 5,00, Alberto Cicconi 5,00, Farmacia São Luiz 5,00, Antonio Tonin 5,00, Pedro Neli 5,00, Anônimo 5,00, Osvaldo Cicconi 5,00, Giovannino Cicconi 6,00, Inez Luminatti 5,00, Lidia R. Serralvo 5,00, Irmãos Carani 5,00, Anônimo 5,00, Dulce Finco 5,00, Ondina Maciel Ribeiro 5,00, Maria Nelli Volpi 5,00, Inez Finco Chiari 5,00, Maria Celia Segalla 5,00, Luizinha Capoani 5,00, Lubens Baroni 2,00, Maria Pereira de Freitas 2,00, José Toniolo 4,00, Edith Matos 2,00, Aparecida P. Pasquarelli 2,00, Segalla & Romani 2,00, Redomonti Artoli 2,00, Manoel Lopes 2,00, Elidio Giacomini 2,00, N.N. 2,00, Herminio Jacon 2,00, Salvina Cacciolari 2,00, R. Campello 2,00, Thereza de Santis 1,00, João Lorenzetti 1,00, Josefina B. Boso 1,00, Gino Basso 1,00, Augusto Penna Firme 2,00.

FOI VIOLENTÍSSIMO O VENTO QUE FUSTIGOU A CIDADE, SEGUNDA FEIRA ÚLTIMA

O vento que se manifestou violentissimo em todo o Estado de S. Paulo, nesta cidade, segundo

o cálculo de entendidos alcançou a velocidade média de 100 quilômetros horários.

Alfaiataria Cicconi

(Confecções a Capricho)

Giovanino Cicconi

Mantem sempre em estoque linhos nacionais e estrangeiros, casimiras de alta qualidade.

Rua 15 de Novembro, 583 - Est. S. Paulo

UBIRAMA

Banco Nacional da Cidade de S. Paulo, S.A.

FUNDADO EM 1924

Capital Cr. \$ 12.300.000,00
Fundos de Reserva . Cr. \$ 17.505.595,40

SÉDE CENTRAL: São Paulo -
Rua São Bento, 341

FILIAIS:

Curitiba, Rio de Janeiro e Santos.

AGENCIAS: Barra Mansa (Estado do Rio) — Ara-
guaçu - Botucatu (Estado de S. Paulo) —
Cambará (Estado do Paraná) — Campinas-
Cruzeiro — Jaboticabal — Jacaréi — Jaú-
Lorena — Mogí das Cruzes — Mogí Mirim-
Pinhal — Piracicaba — Presidente Pru-
dente — Santa Cruz do Rio Pardo —
Santo André — Sertãozinho — Tauba-
té - Ubirama — (todas no Estado de São
Paulo) e Agências Urbanas Central,
Norte (Brás) e Oeste (Luz).

Taxas para Contas de Depósitos

C/C. Movimento Juros 3% aa
C/C. Limitadas Juros 5% aa.
Depósitos a Prazo Fixo e com Aviso Prévio —
taxas especiais a combinar.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Agência em **UBIRAMA:** Rua 15 de Novembro, 779

Prédio próprio para a Escola rural do Bairro da Fartura

A 6 do corrente estiveram nesta cidade os srs. profs. José Maria de Castro, Delegado Regional do Ensino de Botucatu; Mario de Barros Aranha, Inspetor Escolar do Distrito e Sólam Borges dos Reis, enviado do Departamento de Educação. Vieram essas autoridades escolares organizar a comissão local, encarregada de verificar da possibilidade de se construir no município prédios modernos e dotados de todos os requisitos higiênicos pedagógicos, para residência dos professores rurais e funcionamento das escolas aos mesmos entregues, com verba fornecida pelo Governo Federal ao Estadual, por força do que ficou estabelecido no Convênio sobre ensino primário, firmado entre os governos da União e dos Estados.

A comissão em questão foi organizada, fazendo parte da mesma os srs. José Salustiano de Oliveira, Prefeito Municipal e prof. João Baptista Vianna Nogueira, Diretor do Grupo Escolar «Esperança de Oliveira» e auxiliar da Inspeção Escolar neste município e mais as autoridades escolares acima mencionados.

Dando início á incumbência que lhes foi cometida, estiveram os srs. José Salustiano de Oliveira e João B. Viana Nogueira, no bairro da Fartura, onde entraram em entendimento com o sr. Joaquim Antonio Martins, dono de grande propriedade agrícola. Em um gesto altamente louvável aquele sr. se comprometeu a doar ao Estado, um alqueire de terra com saída para a estrada de rodagem, para no mesmo ser feita a construção do prédio para o funcionamento da escola rural do bairro e residência do respectivo professor.

Reunidas todas as condições exigidas para o cometimento, (pois que é muito densa a população escolar do referido bairro e a professora em exercício na escola passará a residir no pré-

Grupo Escolar "Esperança de Oliveira"

CAIXA ESCOLAR

Balancete do mês de Junho

Saldo do mês anterior	1.981,50
Arrecadação do mês:	
Contribuição dos srs. pais de alunos	150,00
» » professores e diretor	27,00
	<u>177,00</u>

Despesas

(Não houve despesa)

Saldo que passa para julho e que se acha depositado na Caixa Econômica local (caderneta n.º 218)	Cr. \$ 2.158,50.
Alunos beneficiados com material escolar	104
» » merendas diárias	70
N. — A Legião Brasileira de Assistência pagou todo fornecimento de pães feito á Caixa Escolar durante o mês.	

Ubirama, 30 de Junho de 1946.

João B. Viana Nogueira - Diretor

Orlando Candido Machado - Tesoureiro

Antonietta E. Yolli Grassi Malatrasi - Presidente

Cecilia Marins Bosi - Vice-presidente

ESCRITORIO COMERCIAL "OLIVEIRA"

Depart. Com. e Contabil.

Alfredo O. Capucho

Rua Tibiriçá n. 530
Caixa Postal, 9 — UBIRAMA

Depart. Jurídico.

Dr. JOÃO FERREIRA SILVEIRA

Rua 13 de Maio N. 261

AGUDOS

dio a ser construído), dentro em breve se transformará em risonha realidade o que hoje anunciamos com imenso prazer aos amantes desta boa terra.

Outras informações

Segundo fomos informados pelo Prof. João B. Viana Nogueira, o sr. Joaquim Antonio Martins, dando mais uma prova de sua generosa intenção de servir á causa do ensino, se propõe a doar o prédio a ser construído, de luz elétrica, sem nada cobrar pelo fornecimento de luz, ao Estado ou ao professor.

Informou-nos inda o prof. Nogueira, que a Prefeitura local, por deliberação do Sr. Prefeito Municipal, se encarregou do levantamento do terreno, sem onus para o Estado e que a Comissão já está de posse das plantas para a construção em causa e que está autorizada a entrar, logo que tudo esteja resolvido, em contacto com os srs. construtores desta cidade, para o breve início das obras.

Uma menina de 5 anos que morre queimada

No dia 10 do corrente, ás 7 horas aproximadamente, na fazenda «Cachoeirinha», de propriedade dos srs. Jacomo N. Paccola & Irmãos, neste município, deu-se triste e lamentável ocorrência.

A menina Yolanda, de cinco anos de idade, filha do sr. Fioravante Parella e d. Carolina Paccola Parella, estando, com seus irmãozinhos, sentada sobre o fogão enquanto que a progenitora dos pequenos havia ido ao rio buscar água, que dista algumas centenas de metros da residência, o fogo ateou nas vestes de Yolanda.

E mesmo que as crianças desesperadas houvessem dado o alarme do desastre, quando chegaram as primeiras pessoas em socorro da pequena vítima, já as labaredas haviam queimado totalmente as roupas da menina.

Trazida imediatamente ao hospital local, a pequena Yolanda, dado ao seu gravíssimo estado, veio falecer ás 13 horas do mesmo dia, sendo sepultada ás 13 horas de quinta feira, no cemitério desta cidade.

Sementes de Capim

Aceite desde já pedidos das seguintes sementes de capim da próxima safra para embarques futuros

Catingueiro roxo (Gordura)
Jaraguá
Colonião

Terminação garantida

C. Vanni

Rua do Cruzeiro N.º 751
Telefone, 74 — TATUI

Dialogo entre duas moedas de cinquenta centavos:

— «Onde esteve você, todo esse tempo?»

— «E... depois daquele nosso último encontro, na gaveta do sapateiro Romano, fui a Tabacaria Central. E em seguida, no bolso de um caboclo, perdendo-me na estrada por estar embriagado. Lá fiquei mezes, sendo quasi que atacada pela ferrugem. Porem algum me encontrou, trazendo-me aqui ao padeiro».

— «Eu, ao envez, não, respondeu a outra. Da gavetinha do Romano, fui parar na bolsa de uma linda moça, permanecendo longo tempo como mascote. Todavia, ha dois dias, achando-se no trem, a moça adquiriu um jornal, sem que desse pela falta de troco. Procurou em sua bolsa. Qual, nada. Exitou entregar me por diversas vezes. Porem não havia outra alternativa e lá fui eu, caindo no bolsão de couro do jornalista. E a cada momento que ele vendia um exemplar ou revista, buscava, no seu bolsão levando uma coleguinha, não se demorando a minha vez. E daí, rolei, rolei de mão em mão até chegar aqui onde estamos».

E' triste a nossa vida, coleguinha.»

— «E' sim, principalmente quando somos levadas ao poder de um «pão duro», cujo cófre é a abertura do colchão. Então, até á volta liberdade».

Depois, as duas moedinhas tiveram a sua palestra cortada, uma foi levada pela verdureira e a outra pelo leiteiro.

LISSER

Aniversários

Fez anos ontem o snr. Alcino de Oliveira Lima, residente em Garça.

Fazem anos: hoje, o jovem Weber Canova, filho do snr. Emanuel Canova.

Dia 15, o snr. Antonio Lorenzetti Filho e d. Josefa Pasquarelli.

Dia 16, a jovem Zelinda M. Segalla, filha do sr. Antonio Segalla; o jovem Haroldo Giovanetti, a srta. Elce Capelari, a srta. Luiza Boso e o jovem Felicio Purgano Neto.

Dia 17, o sr. João Capoani, a sra. Luizinha C. Ferraz, esposa do sr. Vicente de Paula Ferraz, residente em S. Paulo e o jovem Waldir Pavanato.

Dia 18, o menino Reinaldo Lelis Luminatti, filho do snr. Herminio Luminatti; os meninos Dimas e Denis, filhos do

Diretor: Alexandre Chitto

O ECO

Redator-Chefe: Orlando Pauletti

ANO IX

Ubirama, 14 de JULHO de 1946

NÚMERO 429

sr. João B. Moura Camargo.

Dia 19, o snr. Orlando Coneglian, a sra. Tereza P. Campanari e a menina Denise Orsi, filha do sr. Zeno Orsi.

Dia 20, o jovem Aldo Giovanetti e a snra. Regina Brigues, residente em São Caetano.

Dia 14, a srta. Florinda Tomazi.

Itinerantes

Acham-se em visita a esta cidade a snra. Verginia Esgarbi Giovanelli, progenitora do nosso craque Belfare e a snra. Paschoalina Bertolucci, progenitora do goleiro Oberdan.

Noivos

O sr. Mario Ribeiro e a prendada srta. Inez Luminatti participa-nos o seu noivado, havido no dia 10 do corrente.

O snr. Evaristo Canova e senhora festejaram as suas Bôdas de Prata.

No dia 8 do corrente, o sr. Evaristo Canova e sua esposa d. Virginia Baccili Canova, festejaram as suas Bôdas de Prata.

E em regosijo á passagem de 25 aniversário do seu casamento, o sr. Evaristo Canova, ofereceu lauto jantar, na Rocinha, aos seus parentes e amigos.

Ao ágape, que constituiu nota de destaque nos meios sociais ubiramenses, estavam presentes as seguintes pessoas e famílias: dr. Jaime de Barros Campello, delegado de Policia; Padre Salustio Rodrigues Machado, Vigário da Paróquia; dr. Joaquim da Silva Prado, esposa e filha; Tenente Mauricio Cardoso e esposa, sr. Emanuel Canova e esposa, sr. Antonio Canova, sr. Vicente de Paula Ferraz, sr. Hilton Canova, srta. Terezinha Canova, prof. Ina Conti, sr. Antonio de Barros, esposa e filhos; sra. Diva Canova Machado e filhas; sr. Alcebiades

Dr. Antonio Tedesco

— MÉDICO —

CLINICA GERAL — OPERAÇÕES — PARTOS

Floriano Peixoto, 345 — UBIRAMA — Fône, 61

Canova, esposa e filho; sr. Silvio Bosi e esposa, srta. Marilia Bosi, snr. Mario Zillo e senhora, sr. José Lorenzetti e esposa, snr. José Pedro Martins e senhora, sr. Aurelio Baccill, esposa e filhos; sr. Silvio Capoani, esposa e filhos; sr. Afonso Andretto, sr. Luiz Andretto, Major Bernardes Martins, senhora e sobrinha; Tenente Francisco Paiva, prof. Aracy Salles, sr. João de Moura Camargo, sr. Bruno Brega, coletor Estadual; sr. Virgilio Capoani, snr. Olimpio Pires Freire, sr. Luiz Azevedo, Gerente da Distilaria Central; sr. Benedito dos Santos, sr. Angelo Lazari e senhora, sr. Angelo Petenazzi, esposa e filhos; sr. Fernando Giacomini esposa e filhos; sr. Marino Del Carlo e senhora; sr. Abilio Lazari, sr. Walter Petenazzi, sr. Wilson Petenazzi, sr. Wilno Canova, jovem Weber Canova, jovem Wolnei Canova e d. Clotilde Canova.

Domingo dia 21, o C. A. Lençoense visitará Bauru afim de enfrentar o E. C. Noroeste

No dia 21 do corrente, o C.A.L. visitará a Capital da Terra Branca afim de enfrentar o E. C. Noroeste, num sensacional amistoso.

Dadas as características, esse encontro despertará particular interesse nos meios esportivos de Ubirama e Bauru.

Pois, no dia 30 do mês passado, o Noroeste enfrentou o C. A. Lençoen-

se em Ubirama. vencendo por 4 a 2, escore que ultrapassou todas as expectativas do bom senso esportivo. O C.A.L. e Noroeste sempre atuaram com grande equilibrio de forças, não indo alem de um empate os resultados dos jogos, excepto o último do campeonato deflagrado em Bauru.

E' diante pois dessas circunstâncias, a derrota do C.A.L. por 4 a 2, em seu próprio campo, surpreendeu os próprios noroestinos.

E portanto, a partida de domingo próximo, para os lençoenses se apresenta como jogo «revanche». Os lençoenses tem no noroeste um grande e valoroso adversário, porem querem saber se as possibilidades noroestinas aumentaram com a inclusão de novos elementos ou se as ubiramenses é que estão decaindo.

Será, portanto, uma partida de grandes proporções esportivas que as duas turmas apresentarão.

Hoje no Cine Guarani, com Humphrey Bogart a colossal pelicula

Passagem para Marselha

CHEVROLET

CAMINHÕES CHEVROLET NOVOS.

Estamos aceitando pedidos para quota de 1946. Aceitamos também pedidos firmes para Carros de Passeio Modelo 1946.

INFORMAÇÕES COM

ZILLO, CAPOANI & CIA. LTDA.

UBIRAMA - Rua 15 de Novembro, 796

Fone, 15

Concessionários **Chevrolet**

10 DE JULHO

A JORNADA ÉPICA DOS PAULISTAS

Alta noite, um vulto escuro esgueirou-se até o portal do Colégio. Vinha semi-nu, cauteloso, como temendo ser seguido por invisíveis espíritos. Bateu algumas pancadas secas na esconsa porta. Um missionário acolheu o estranho emissário da noite. Era um tamóio fiel à gente do burgo paulista.

— Eles vêm... Eles são como a enchente. Muitos... Vão matar tudo: bois, gente, abarés, crianças...

Anchieta ouviu o índio fiel. Mandou um próprio à cabana de Teberyçá: viesse com João Ramalho, Caiubi e demais chefes. Urgia reunir o conselho de guerra. Os tamóios, confederados, ameaçavam arrazar a vila. Na selva a inúbia roncava tripúdios de guerra.

O velho tuxaua ouviu, calmo, o relatório que Nóbrega lhe fazia da ameaça do sertão.

— Já sei... já sei... Irmão Arary, parente Jaguanharo avisaram velho cacique que muitas são as lanças, grande a fome de carne branca. Teberyçá não deixa. Deus de branco vence. Teberyçá providência...

E fez um gesto lento, voltando o braço hercúleo para os lados da várzea do Carmo:

— Que venham... Espada tuxaua quebra lança de Arary.

Redobrou, junto dos fossos e das palissadas, a vigilância das sentinelas. Braz Cubas subira a Jabaquara, inquieto, d'Artagnan brasileiro, sonhando recontros e aventuras. Teberyçá era o solerte cabo de guerra; percorria as organizações de defesa, reunia gente; preparou a grande espada de pau todo pintada e flabelante de plumas, pesada como uma clava. A igreja do Colégio passava a noite toda refulgente de tocheiros e candeias. No seu chão tóxico castigavam-se os joelhos dos mamelucos, das índias conversas, das matronas de Piratininga. As orações subiam ao céu ferventes. Fora, nas choças que formavam um triângulo renteando o Tamanduaté e o Anhangabaú, preparavam-se mólhos de flexas, untavam-se de gordura os gatilhos dos arcabuzes, mudavam-se as pedras das emperadas es-

pingardas. Viesse o tamóio: esperava-o a bravura paulista!

No dia 10 de julho — dia predestinado! — do alto dos postos de observação, gritaram as sentinelas:

— Às armas! Os índios! Os índios!

Lá vinha, na baixada descoberta à vista dos esculcas, o roldão rebojante, ululante e apavorador da índiada! Vinham os guerreiros bárbaros soltando urros, agitando cocares, tacapes e lanças, todos pintados e espernegantes como demônios. Era, na lisa charneca, um opíparo alvo às arcabuzadas.

Teberyçá, calmo, assumiu o comando. Reuniu os chefes.

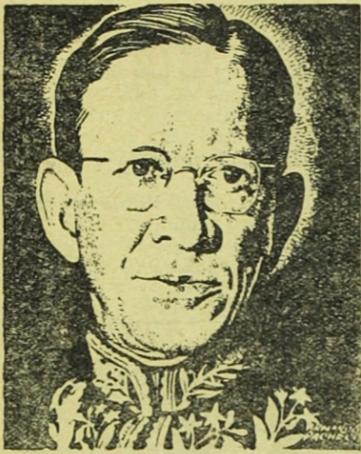
— A eles, antes que alcancem a palissada! Deus dos abarés vai conosco. Mostra, minha gente, que medo não mora em Piratininga!

Formaram-se rápidos os manipulos do contra-ataque. À cabeça dos tumultuários esquadrões lá iam João Ramalho, com Caiubi, Braz Cubas, Pero Dias, Lopo Dias, mamelucos, índios brancos, até mulheres aguerridas e valentes.

Anchieta, apiedado do mulhério aflito, da criança tomada de

MENOTTI DEL PICCHIA

Do livro "O Despertar de S. Paulo"



★

curiosidade e de pânico, reuniu-os todos na igreja. E de novo a prece suprema pela sorte de S. Paulo reboou, ali no alto do Carmo cheia de fé e cheia de esperança.



O valor terapêutico da água do mar

Dr. HEINZ GRAUPNER

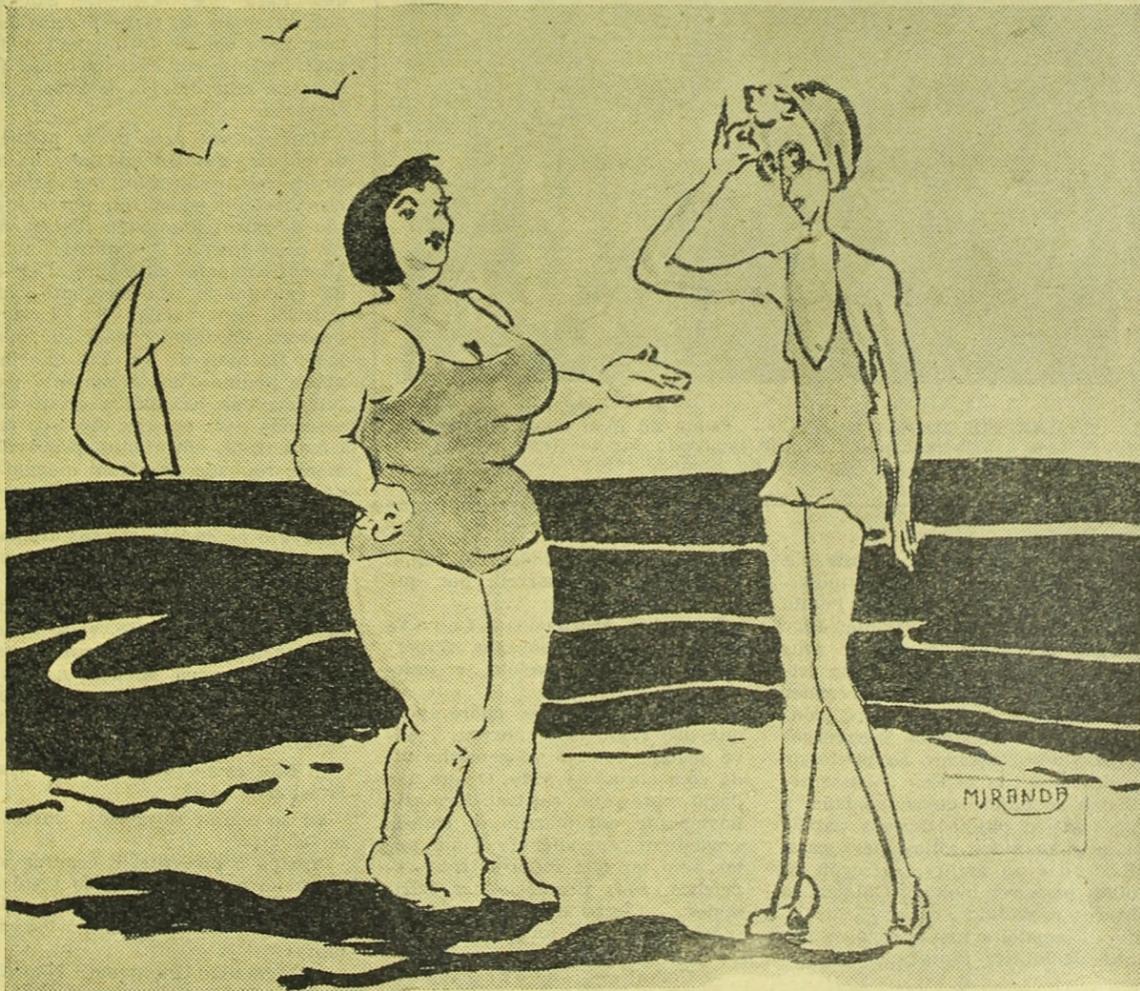
★

O mar possui, em relação ao homem um poder de atração irresistível. No seu seio, nasceu a vida e tudo quanto vive nele teve sua origem. Parece mesmo que estas relações misteriosas se reforçaram no século passado, pois

e os órgãos, refrescam e reconfortam o organismo, dando-lhe novas forças vitais. Ar, sol e água existem também em outros lugares.

a importância deste sal poderoso para a saúde humana que se descobriu ser extraordinária.

A terapêutica naturista, lembrando e seguindo o velho uso medicinal da água do mar, por tanto tempo esquecido, recomenda



nessa época, descobriu-se o valor terapêutico da água do mar. Os banhos de mar tornaram-se de uso corrente.

O ar saudável, o sol brilhante, o vento fresco e o encanto singular da água sobre o corpo, a pele

Aí, porém, falta o sal. O sal marinho, que é constituído por uma mistura de diversos sais, é a base principal e inigualável da energia terapêutica do "mar", apesar da participação também considerável do sol e do vento. É justamente

curas de água marinha contra diversas enfermidades. Quem, sem o querer, ao banhar-se, engulir um pouco de água salgada, fará, antes de outra coisa qualquer, imediatamente, uma exclamação de de- [Conclui na segunda página]

Bruscamente, suando, ofegando, um mameluco, com a língua fora da boca, o rosto iluminado de alegria, subiu correndo a escarpa. Exausto, tropeçou numa pedra e caiu de bôrco aos pés do sacerdote.

— Que é isso?

O homem mal pôde sussurrar:

— Abaré... Abaré...

Nóbrega ergueu-o. O mameluco dilatou os olhos de louco, fez um gesto indicando o local da luta, e guaguejou:

— Eles fogem... Fogem...

— Quem? Os paulistas?

— Não! Os índios! Vencemos abaré! Vencemos!

— Deus seja louvado!

A notícia correu fulminea o burgo. Num jorro, mulheres e crianças, aos brados festivos, escoaram-se do portal da igreja. Velhos, doentes, mães esqueléticas com filhinhos grudados no seio, vieram formar um grupo inquieto, nervoso. Pela escarpa, cansados e poentos, chegavam os primeiros pelotões dos vencedores. Vinham trôpegos, escorrendo sangue das feridas ou empapados de sangue do inimigo abatido, agora em fuga. Nas costas, carregados a braço ou em giraos, transportavam-se cadáveres e feridos. Os prisioneiros, aos trancos, hediondos, soturnos, eram conduzidos aos magotes entre apupos e pranchadas.

Os paulistas saudavam com um pean triunfal de gritos os seus irmãos vencedores. Por fim, solene, forte e sangrento como um negro cêpo de açogue, lá vinha o glorioso e hercúleo Teberyçá!

— Viva! viva o chefe, o vencedor dos tamóios!

Um prisioneiro índio, fugindo à escolta que o comboiava, rojou-se aos pés do cacique, suplicando:

— Misericórdia, tuxaua, misericórdia!

Houve na multidão, silenciosa, um movimento de curiosidade. E o terrível salvador de São Paulo, sem dizer palavra, surdo ao piedoso protesto dos jesuítas, ergueu sua pesada espada cheia de plumas e de listas brancas e escarlates e, de um só golpe, reduziu a uma papa escarlate e cinzenta a cabeça do vencido...

★

OS AUDAZES LIMPADORES DE VIDRAÇAS

Jogando constantemente com a vida, os limpadores de vidraças dos arranha-céus de Nova Iorque confiam suas vidas a pequenas tiras de couro que os sustentam, enquanto executam seus serviços. O edifício do Empire State, que tem 374 metros de altura, possui seu próprio corpo de limpadores, que ganham salários excepcionais, com contratos fixos por um ano. Estes empregados constituem um grupo selecionado de homens livres dos perigos das vertigens; são frequentemente examinados por médicos e possuem seguros de vida. Apesar da perigosa tarefa que desempenham, nenhum deles sofreu até agora qualquer acidente desde a construção do edifício. Isto se deve, em parte, às rigorosas determinações que proibem que cruzem de uma janela para outra pela parte externa. Os limpadores nunca trabalham sós. Essa disposição foi tomada depois que um empregado que limpava os vidros sózinho, ficou preso na parte exterior por se ter fechado a janela em que trabalhava. Pôde, felizmente, salvar-se, quebrando os vidros e caindo dessa forma dentro do aposento.

A RESPEITO DA FUNDAÇÃO DE ROMA

Segundo o professor Luiz Huetter, arqueólogo alemão, o primeiro romano foi Noé, tendo sido ele o fundador de Roma e não Rômulo, como ensina a história. O sábio declara que quando os descendentes de Noé, mal aconselhados, se puseram a construir a Torre de Babel, o patriarca embarcou com seus filhos numa arca e foi parar na luminosa Itália. Ali, no Monte Palatino, fundou uma cidade à qual deu o seu nome. Pouco depois morreu. Então Ham, filho de Jafet e outro indivíduo de nome Cames, com quem se encontrou ali, edificaram outra cidade chamada Janiculum, no monte do mesmo nome. Nessa época também Nemrod chegou à Itália e construiu uma cidade no Monte Capitolino. Vieram depois Hércules, Tibris, Evandro e outros, fundando todas outras cidades sobre os sete montes famosos. Porém o Palatino conservou a sua situação privilegiada.

Pode ser que tenha razão o professor Huetter, porém, sua teoria não estará arrimada ao simples fato de ter existido no Fôro de Nerva — o que se conservou até à Idade Média — um monumento ao qual se dava o nome de Arca de Noé?

CASAMO-NOS há três anos. Entretanto, ainda ouço os suaves acordes da marcha nupcial e os afogados suspiros dos mais velhos. Mãe e papai tinham muitos amigos, bons, mas terrivelmente arcaicos. Alguns não são tão velhos assim, mas estão muito convictos de seu ponto de vista. Sua frase comom era esta: "bem, certamente "confio" em que serão felizes, mas me parece ser demasiadamente arriscado casar-se tão cedo. Deviam esperar uns anos mais".

Então estes poucos anos, ajuntados a outros e... onde está você? O que sei é que quase todos

vra — não é um indivíduo que coma pouco e que se satisfaça com "perfumarias". Ele precisa de muito do que houver e ainda repete... Aprendi mais mágicas com o salmão de lata de 2 cruzeiros do que todos os que Houdini fazia com um lenço de seda e seu estôjo. Comíamos tanto filé de fígado e de rins que, se morressemos de algo, não seria de anemia. Tivemos vários jantarados — no estilo românico — à base de talharim com sôpa de cogumelos e queijo italiano. Eu enchia a geladeira com o que Dick chamava "comida sortida" e descobri, bem depressa, que o doce em gelatina rende mais

dêsses cargos educacionais onde contam que a gente brilhe como um diretor, embora ganhando ordenado de porteiro. Os utensílios de lavanderia vieram em meu auxílio e eu aprendi a distinguir o princípio do fim de uma camisa e um sistema particular para passá-la. As primeiras tentativas foram simplesmente desastradas e as camisas pareciam plissadas, de tantas rugas. Mas agora, os resultados são completamente profissionais: estou orgulhosa dêles. Assim, gastando, apenas, vinte cruzeiros por semana cubro os gastos de lavagem, sabão inclusive. O telefone também nos levava

do Dick, como é, o homem mais maravilhoso do mundo, conseguiu o emprêgo. Dava, duas vezes por semana, à noite, aulas de natação para jovens, numa piscina. Eu dizia que as moças estavam mais interessadas nêle do que na natação, mas os 450 cruzeiros semanais "cheiravam" muito bem. Isto é, até que veio a epidemia de gripe e fecharam a piscina durante três meses.

Tal coisa se deu antes do Natal. E eu disse a Dick que apostava como podia conseguir trabalho numa das lojas do bairro. Também lhe disse que estava cansada da vida caseira e que podia fazer

fiança, leve-o ao alfaiate vizinho, pai dos cinco meninos mais belos que jamais vira. Pegou fogo na casa dêle e, com ela, lá se foi meu casaco. Não estava nada seguro, naturalmente, E, depois de uma conferência de prantos, lamentos e guinchos dos meninos, resolvi não reclamar coisa alguma do pobre homem. Eu não podia andar vestida com um cobertor e não queria, do mesmo modo, tocar no galinho, que estivera vazio bastante tempo.

De qualquer modo, eu estava indo bem na loja e, enquanto ficasse lá tinha direito a 15% de desconto e a pagar em prestações. Antes

CASAMO-NOS CÊDO

os antigos companheiros de escola estão exatamente no mesmo comêço. Estão desperdiçando o tempo, a fôrça e a felicidade na horrível luta de desejar, confiar e decidir. Suas famílias acham que enquanto os rapazes não tenham um rendimento razoável e, como dizem, um futuro garantido, não se deve pensar em casamento. Aposto o meu próximo chapêu de verão — e só Deus sabe como o obterei — que não mais de três, dêstes seis pares, dirão uns aos outros: "aceito". O resto, gradualmente se irá separando e as moças se casarão com algum velho de 65 anos, ou coisa equivalente, que lhes oferecerá uma renda segura e tanta alegria como a de um funeral.

Dick e eu nos casamos com um ordenado, não muito certo, de 70 dólares mensais (cêrca de mil e quatrocentos cruzeiros). Provavelmente estávamos loucos. Com certeza devíamos ter esperado. Mas é que não pensamos assim, então, e muito menos agora. Pelo menos durante os últimos três anos temos andado tão perto do céu como cada um de nós sonhávamos.

Não temos vivido precisamente pensando em riquezas, nem passamos muitas tardes pensando em que empregar nossas riquezas, pois um galinho de porcelana era o nosso único banco. Porém, nunca falhamos uma refeição e jamais nos faltou um teto sôbre as cabeças. E também nunca recorremos a um ou a outro lado da família.

Quando resolvemos dar o pulo, nenhum de nós sabia coisa alguma sôbre um orçamento, mas aprendemos tudo, depressa, no momento em que começamos a procurar casa. Tudo o que gostávamos dissolveria os nossos mil e quatrocentos cruzeiros como uma espuma. O que podia servir para nós dava-nos pavor, tão tenebroso e escuro era. Finalmente, depois de muitos dias de procura e trabalho, encontramos um apartamentinho com uma migalha de sol na cozinha. É claro que estava situado num último andar e nenhum decorador desperdiçaria seu tempo com êle, mas era um lar. O fato de ter uma entrada pelos fundos, três quartos e uma ampla vista para os fundos, não importava. Como Dick podia ir ao trabalho a pé e as vendas da vizinhança eram barateiras, equilibrávamos as despesas. Assim, a primeira linha do nosso orçamento era — casa: quinhentos cruzeiros. A próxima era a comida. Havia uma coisa na qual estávamos sempre de acôrdo, antes de nos casarmos: haveríamos de ter bastante comida e não trabalhar mais do que o necessário. Em primeiro lugar a saúde.

Depois de umas semanas de erros e acertos, consegui as três refeições diárias (Dick vinha lanchar em casa) por 120 cruzeiros semanais. Meu marido — cada dia que passa gosto mais desta pala-

do que a fruta só. Também descobri que um sortimento feito para dois não cobre a comida de quatro, no fim da semana. Mudáramos para mais de 150 milhas além de nossas casas antigas, mas isso não impedia que, todos os sábados, viessem amigos que ficavam até domingo de noite ou segunda, pela manhã. Tivemos que calcular o preço da hospitalidade. E nunca havia pensado que — jovens e ativos, com tempo para uma viagem estimulante do apetite — pudessem comer tanto. De qualquer modo, verificamos a necessidade de fazer algo, a não ser que deixássemos de comer no meio da semana. Ficávamos encantados com os nossos amigos. E, de fato, não queríamos perder sua amizade. Mas, não podíamos continuar nessa festa e manter nossas encantadoras maneiras, que devem possuir os anfitriões. Simplesmente lhes advertimos: venham quando quiserem, mas tragam o que comer. Alguns, deixaram de voltar, pois sempre há quem se aproveite de tudo. Mas outras perceberam a coisa e compreenderam a idéia. Só que não haviam pensado nisso, como também nós, até que tivemos que ganhar nosso dinheiro e pagar as contas, pois as ceponhas trazem a carne e os vivers do mesmo modo com que trazem os bebês.

Outro item importante de nosso orçamento era o das camisas limpas para Dick. Êle ocupava um

outros cinquenta cruzeiros por mês. Mas éramos obrigados a mantê-lo, por causa do emprêgo de Dick. Uma pequena caixinha para as chamadas dava uma idéia de que não era um aparelho telefônico para milionários.

Cem cruzeiros gastávamos com gás e luz, e cedo, aprendi que as sobras do dia são a salvação do lar dos pobres. Tortinhas — e Dick gosta de comê-las antes de sentar-se à mesa — estavam sempre preparadas e nós as comíamos com as sobras da véspera, quando não havia outra coisa. Uma boa lâmapada na sala, no escritório, servia para nós ambos, pois eu chegava minha poltrona para perto — e gosto muito disso — enquanto êle ficava trabalhando. O ferro elétrico servia — depois de desligado e já utilizado na passagem das pecas principais — para passar gravatas e pequenas roupas de baixo.

Até aí ainda sobravam uns duzentos cruzeiros mensais para extras. Mas, é aqui, justamente, que os problemas começam. Tive que obturar um dente. Dick precisou de um par de meia-sola e sabão, para ambos, num lugar onde a fullgem era prato cotidiano. A coluna de "diversos" do nosso caderno de orçamento começava a brilhar-nos como a dívida nacional.

"Não te preocupes, minha vida", dizia Dick. "Tenho que arranjar outro emprêgo, de tarde". E sen-

panquecas e tortas, coisas que já não tinham segredos para mim. O abrigo de peles foi uma ajuda: você poderá sempre conseguir uma colocação, quando aparentar não precisar dela. Vendi vidros e baterias de cozinha e, se bem que sem entender muito do assunto, não tive dificuldades.

Dick, uma semana mais tarde, arranjou um trabalho extra, numa companhia de expresso e trabalhava das seis às quatro, enquanto eu servia o público das nove às três (pelo menos, era êste o horário), mas até às seis da tarde era fácil encontrar-me com meu livro de vendas e arrumando mercadorias.

Encontrávamos-nos, às vezes, quando íamos ou vínhamos do trabalho, como se fôssemos dois navios que se saúdam de passagem. Nosso regime de vida estava equilibrado mas reduzido. Dick fazia as compras, não só porque tinha um pouco mais de tempo como, também, porque a sua idéia de eficiência e economia resumia-se em comprar meia dúzia de latas da mesma coisa, cada vez. Uma semana: pêras e espagete; outra, feijão e doce de maçã. Mas o galinho de porcelana prosperava: até chegamos a pensar em adquirir um carrinho de segunda mão.

Isto foi antes de ter que consertar o meu único agasalho de peles, pois estava ficando rôto: eu o deixara perto da janela e a chuva o estragou. Num rasgo de con-

que me despedissem resolvi comprar um abrigo a 20 cruzeiros semanais, que pedi emprestado a uma das moças — pagando-a, depois, com as refeições diárias que lhe forneci em nossa casa.

Ao chegar o Natal, Dick e eu estávamos meio mortos. Gastamos muito conosco e demasiado, de modo geral, mas tivemos grande satisfação em mandar presentes à família, comprados com nosso dinheiro. E outra emoção o ainda maior: a noite de Natal com dois convidados e sob o nosso próprio teto. Pelo menos, era nosso teto até o dia de pagar o aluguel. Finalmente, resolvemos não nos preocupar — e tratamos de resolver a coisa. Então, certa tarde o telefone tocou e Dick o atendeu. "Sim, claro que quero", ouvi-o responder. "Agora? Bem, estarei aí em dez minutos". Naturalmente eu estava morta de curiosidade, mas isso me serviu de muito. Pegou o chapêu e saiu porta afora, dizendo-me: "não me esperes para jantar, querida, pode ser que demore um pouco".

Durante todo aquêle tempo, pensei em tudo: das louras à polícia e já me sentia como uma noiva abandonada, sem a menor dúvida. Chegou pelas sete e meia, mais ou menos. Pareceu-me pálido, andando menos firme do que de costume. Entregou-me um envelope antes que eu dissesse uma única palavra: "eis aí, minha vida, o dinheiro do aluguel, pago com sangue..." Fôra ao hospital e doara certa quantidade para uma transfusão. Comecei a chorar, de alívio e de orgulho. Casara-me jovem, mas casara com um homem.

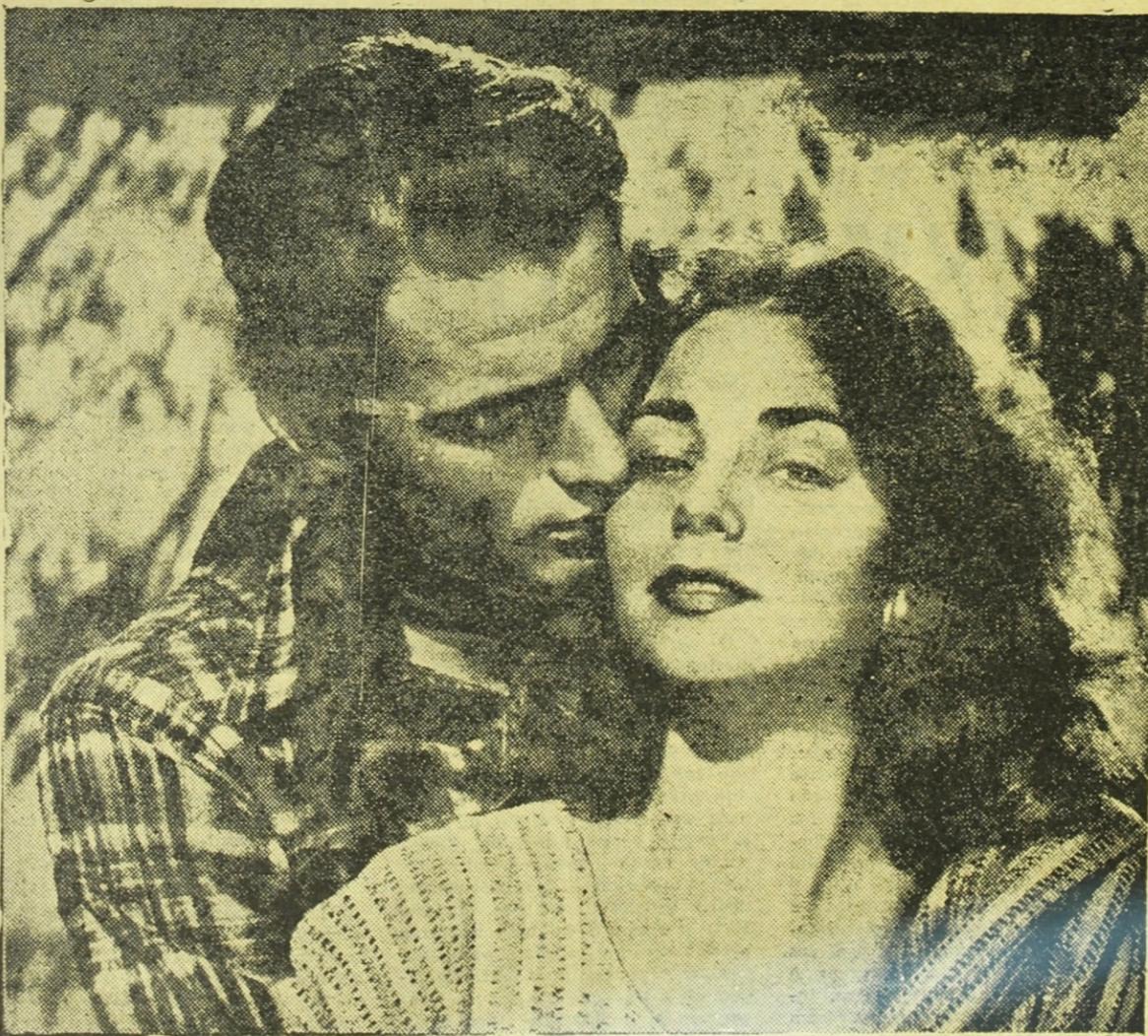
Já se vão dois anos dessa crise. Atravessamos outras piores. Recordo que, uma vez, todo o conteúdo do galinho não passava de seis cruzeiros e pouco: o resto estava na Caixa Econômica. Dick tinha que fazer um discurso e a sua roupa de rigor estava no tintureiro, para ser passada. Dez cruzeiros: e não tínhamos isto. Mas havia um pastel de limão que estava esfriando, para o nosso almoço, na cozinha. Pois bem: o alfaiate levou o pastel e ficamos com a roupa.

Nossos mil e quatrocentos cruzeiros mensais já se haviam convertido em mil e novecentos e com brilhantes perspectivas. De quando em quando assomo o meu sorriso às fôrças das caixeiros, por uma temporada. Dick ainda leciona natação duas vezes por semana e escultura em madeira, outras duas. Dick é muito versátil.

E esta história de nos termos casado cedo parece-nos magnífica, apesar de tôdas as dificuldades. E tôda a segurança que precisamos reside no nosso mútuo amor.

Para os do nosso antigo grupo dos ainda solteiros, só tenho por êles verdadeira compaixão: ainda não começaram a viver.

(De "Digest Year Book")



A ex-Bernadette (Jennifer Jones), e o ex-pai (Gregory Peck), do filme "Bernadette", em uma cena amorosa na película "Escandalo"

REQUSTADA

— Pois, olhe o senhor, já tive mais de uma dúzia de homens a meus pés.
— Pretendentes?
— Não, pedicuros.

AMOR

O candidato, à filha do banqueiro:
— Como, senhorita! Seu pai é milionário, és filha única e... e dúvidas de meu amor?

Zé Caboclo remexeu-se no girau, estremeou, espreguiçou-se... Permaneceu de olhos arregalados uns três minutos, olhando obstinadamente o céu através de um buraco na quinha de pindoba, e viu que o oriente começava a alvorecer e havia laivos sanguíneos por sobre a cordilheira distante. A passarada ruiu as asas e atirou-se gárrula aos ares. A araponga na copa frondosa de uma gameleira malhou com estardalhaço num som áspero de lima e martelo.

A bicharada dispersa pela mata acordou para a luta. Era o despertar ruidoso da natureza. De toda a parte chegava à cabana um charivari feito de childros, ladros, ornejos, mugidos e grasnidos. A atenção do Zé Caboclo fixou-se num som monótono e chuchureado aos fundos da choça. Era um fio d'água que descia rumorejante pela encosta do morro.

Ergueu-se de um salto e foi lavar o rosto.

De volta à cozinha, acocorou-se junto à trempe de pedra, acendendo o fogo, enquanto recapitulava com prazer os acontecimentos dos últimos dias.

Dera uma lição de mestre no delegado Neco Lorota, indo sozinho prender o João Grosso e metendo-o na cadeiazinha do Mutum. A audaciosa captura de um bandido tão perigoso causara assombro, tanto mais quanto o próprio delegado Neco Lorota, que tinha três "morcegos" vindos da cidade e vários homens, havia desistido.

Indignado com a impunidade do bandido, Zé Caboclo dissera que ia buscá-lo vivo ou morto, foi e trouxe-o amarrado no próprio cavalo.

A espetacular prisão do fascinador, na taberna de Chico Pipoca, no Bibocão, muito longe dali, causou assombro a toda a gente.

E agora, há quatro dias que o bandido estava na cadeiazinha do Mutum e nada de Neco Lorota enviá-lo escoltado para a cidade, enquanto era tempo.

Que estava esperando? Que os "cabras" de João Grosso viessem libertá-lo a ferro e a fogo?

Sujeitinho burro o aquele Neco Lorota! Era só papo e conversa fiada! Também foram logo escolher para o delegado um tipinho chulé como aquele calorda que tinha medo da própria sombra. Só tinha boca para basofiar marombas. Na hora do arranço rabo cadê o home? Zé Caboclo esguinçou uma risadinha pulha e coou o café.

Mastigou um pedaço de aipim assado e sorveu o primeiro gole do líquido fumegante, chupando

Deteve-se no ribeirão do Canindé, junto de um pontilhão.

A idéia cresceu, robusteceu-se e ia traduzir-se em ação imediata.

O rosto chavasco do homem após um instante de imobilidade, contraía-se exprimindo decisão.

Moveu-se como sob uma corrente elétrica.

— Seu Catuca, tenho uma Vincheste boa, mas preciso p'ra já de dez espingarda de dois cano.

O outro abriu a boca.

— Cumo? Seu Caboco!

— Vamos. Vai me arranjar isso de corquê manêra, pede impressada in meu nome, roba, faça o que pudé, mas traga elas...

Para não perder tempo com explicações, deu uma vergastada à garupa do piquira.

— Vai, Xará...

Às dez horas da manhã, Zé Catuca estava de volta, com o cavalo suarento e quase estafado de tanto galopar. Dez espingardas vinham amarradas num feixe.

— Eles não hão de passá no Bibocão ante de três dias... — Contou nos dedos. — No pontão do Canindé só vão passá sexta-feira ao meio-dia.

Olhou o sol e disse bruscamente:

— Seu Catuca, micê vai comigo.

O outro arregalou os olhos.

— Cumo, Xará?... Eu!... Adonde?

— Nos dois vamo prendê aquela cambada ruim...

Entrou na choça para apanhar o surrão e dois grandes sacos de estopa. Voltou às pressas atraído pelo barulho dos cascos do piquira e soltou uma praga ao ver a cabeça do Catuca desaparecendo atrás do murundú. — Peste ruim!...

O seu plano era simples, mas necessitava de alguém para auxiliá-lo. Diabol!... Voltou-se ouvindo um barulho às costas e viu com surpresa um vulto de mulher a três passos.

— Seu Caboco, eu escutei tudo...

— Ahn!...

— Vi o papé sujo daquele porquêra.

O homem ficou um momento olhando aquele rosto petulante e moreno onde brilhava um olhar resoluto. Era uma jovem de dezoito anos, meio agreste, forte, sadia e... bonita.

— Você num é a Aninha, fia de Mané Fulô? Que anda bongando pressas banda?

— O Catuca foi buscá u'a espingarda lá in casa... e eu vim vê prá qui era.

— Bem... e agora?

— Agora... — os olhos da jovem voluntariosa brilharam resolutos. — O sinhô tem medo d'eu?

— Hum... Ora essa! Qui pri-gunta hôba!

— Antonce eu vô consigo...

Zé Caboclo arregalou os olhos.



brincalhona, fitava os olhos castanhos e ousados no homem sisudo: — Está cansado, seu Izé? Chiii, mas o sinhô anda com uma cara feia!... Inté parece que tá cum fome... Credol!...

Quando "Perigoso", o cachorro de Zé Caboclo, investia ladrando contra alguma moita, não raro Aninha lhe saía atrás, excitada...

— Se pôe correndo atoa... Depois num quero maçada não.

— Eu cançá? Vá esperando, seu bocó.

Na descida do Morro Grande "Perigoso" entocou uma cutia e Zé Caboclo matou-a. Almoçaram carne assada na brasa. Zé Caboclo guardou um pouco no picuá. Caminharam de novo muito tempo em silêncio, na espessura... Tri-

Os gritos, cada vez mais estridentes, acabaram desandando em choro, em soluços desesperados.

Zé Caboclo ergueu-se então, meio arrepido com o resultado da brincadeira. Aproximou-se da beira do fojo e viu-a encolhida num canto, cabeça entre as mãos a lacrimar plenamente convencida de que o homem a havia abandonado na floresta.

— Mas que bobage, Fulôzinha — disse enternecido sem saber como desculpar-se. Os traços severos do seu rosto estavam suavizados como a fisionomia de um pai arrependido de castigar o filho. — Antonce tava pensando que eu ia fazê uma coisa dessa.

A jovem ergueu os olhos lacrimajantes.

vulto da mulher do outro lado. Num momento em que o vento suspendeu inesperadamente umas palhas, viu ao clarão da fogueira que os olhos de Aninha também estavam arregalados, a fitá-lo como um gato.

— Inda não está durmino, Chorona?

Viraram-se as costas. A longa imobilidade relaxou os músculos de Zé Caboclo e o sono chegou.

Acordou muito tarde já com uma doença no braço esquerdo. Quis puxá-lo e sentiu-o preso. Ficou um momento sem compreender. Depois apalpu de leve com a mão direita e os dedos mergulharam numa cabeleira desgrenhada e basta. Compreendeu enfim. A "chorona", com medo de alguma

CAMBADA RUIM

com bulha gulosa. Esvaziou uma caneca de flandres, depois outra, mais outra... Palpou farto a barriga, lambeu os bigodes, fungou, chupou os dentes e largou-se a pitar um cigarrinho de palha.

Um rumor de cascos de cavalo na encosta do morro fronteiro chamou-lhe a atenção. O cavaleiro passou a cancela de varas. Zé Caboclo chegou à porta.

A cabeça e o busto de Zé Catuca surgiram por cima de um cômodo... O piquira arfante esbarrou finalmente no terreiro.

— Seu Caboco... — Chegô na horinha do café... — João Grosso fugiu! — Hein?!

O homenzarrão meteu a mão direita nas grenhas crescidas, soltou uma praga, cocou a cabeça — Eh, brabeza de vida. O curpado é o seu Neco...

Catuca narrou-lhe que na tarde do dia anterior apareceram no Mutum quatro sujeitos contado lérias. Jogaram pacaú até alta madrugada na Taberna do Janião, que fica ao lado da cadeia. Gastavam dinheiro a rúdo e por isso Janião nem pensava em fechar a venda. As duas e meia da madrugada, com os paus-d'água do Mutum, formaram um banzé dos diabos. A "madeira comeu", a torto e a direito. Por fim surgiram mais cinco desconhecidos e choveu bala...

Quando terminou o barulho, descobriu-se que o guarda da cadeia estava morto. João Grosso desaparecido.

— E os sordado? — Quando saíro da casa de Neco Lorota, já não havia mais remédio.

Um sulco profundo vincou a testa de Zé Caboclo: — Tanto trabalho que me deu pegá o assombra-pau... — lamentou. O seu olhar vago pairou um instante sobre os picos da Maracanã. Mas a imaginação voou muito além; transpôs o espigão, desceu pelos alcantilados, percorreu tombadores, brocotós, caetés, ultrapassou a serra da Cabreuva, o povoado do Bibocão...

— Não... Isso não... Não fica d'reito...

Gaguejou, apresentou uma porção de motivos... A boca do povo... A família... Era um homem sério... Não ficava bem...

— Deixa de bobage, seu Zé. Quem devia de pensá isso era eu. Dá boca do povo nem Cristo escapa...

— Um viajão danado, na mata, pelos atajo de caçadô...

— Eu sei...

— Subino e desceno serra...

— O senhô inté parece tê medo de muié... — disse ela com desdenho muchôcho.

Zé Caboclo abriu novamente a boca, mas nada disse... Era já desafô... Medo, êle?!... Toda vez que lhe diziam que êle tinha medo de alguma coisa ficava por conta do Pé de Pato...

Entrou na cabana, pôs o chapelório de palha à cabeça, apertou o cinturão. Amarrou a cara. No íntimo admirava a coragem da cabocla, apesar de julgá-la um pouco caprichosa.

— Bem. Depois num quero in-crerça comêo — resmungou.

Um quilômetro à frente, Aninha desapareceu. Quando ressurgiu aos olhos do Zé Caboclo, vinha vestida numas calças e paletó de brim apanhados na cachimba de Emílio Barcelos.

— Pronto, seu Zé. Agora só home. Num é preciso tê mais medo de mim... — disse maliciosa.

O homem virou o rosto para ocultar um sorriso; quando a encarou de novo tinha o mesmo olhar grave do comêo.

— Bem, agora toca pr'a frente...

Apesar de fingir grande indiferença, Zé Caboclo não se fartava de contemplá-la... Estava interessantíssima assim vestida de homem... O andar era lesto, de felino... As calças arregaçadas deixavam à mostra um pé bem feito e parte das pernas bem contornadas... Simetria, harmonia, vivacidade... Um pouquinho de teimosia também e... petulância... De quando em quando voltava-se

DE EPAMINONDAS MARTINS

★

lhos perigosos, resvaladíos, ladeando pirambeiras. Cipós, espinhos, sarapieira, lamaçais, covancas, bibócas... A caminhada continuava sempre... As vèzes o céu desaparecia sob majestosos arcobotantes verdes; macacos espantados fugiam guinchando pelos ramos. Lugares em que era necessário desembaraçar o caminho a facão, outros em que era preciso passar de rastro... Motucas, mosquitos, borrachudos.

— Tá gostano? — indagou Zé Caboclo, sarcástico.

— Ainda num precisei de si pr'a nada... — respondia ela orgulhosa.

Quando acabou de dizer isso uma piuca esfarelou-se-lhe aos pés. Escorregou soltando um grito e desaparecendo num fojo cavado pelos caçadores, Dez palmos de altura!

— Seu Caboco...

O homem afastou o resto da folhagem que cobria o buraco traidor, olhou-a sem pressa e viu que não estava machucada.

— Tá aí a prosa!... Anda sem oiá em que pisa.

— Mi dá a mão, seu Caboco... — Eu?... P'ra quê... Océ num precisa d'eu...

— Dexa de brinquêdo.

— Quá brinquêdo. Océ vai ficá aí inté a minha vorta... Se hai de assucedê coisa mais pió... Inté depois daminhã, minha fulô... Muié sem juízo num vai cumigo... "Perigoso!" Cá, nego!

Saiu assobiando. A voz da mulher encheu-se de espanto:

— Seu Caboco... Seu Caboco...

O homem, disposto a brincar, afastou-se uns vite passos, parou, começou a juntar gravetos para esquentar a carne.

— Seu Izé... Seu Zezinho... Tem dó d'eu... Eu premeto andá direito... Seu Caboco...

— Océ é mau, seu Caboco.

— Tava com tanta prosa! Tá aí... Chorando atoa... Num passa de uma muié memo... Chorona... Vem cumê que a boia está pronta.

Deu-lhe a mão e ergueu-a com um puxão vigoroso.

— Mi discurpe, sim...

Ela não respondeu.

O rosto do homem tornou-se mais humano. Ela fez-se mais feminina. Jantaram em silêncio, trocando olhares furtivos.

— Bão! Farta pôco pro Arto do Gambá. Só tá entrano, Chorona. Vamo ficá aqui memo.

Desembainhou o facão, cortou estacas, varas e folhas de pindoba e dentro em pouco estava improvisado um tejupá... Havia galhos secos de sobra para alimentar a fogueira.

Os últimos clarões do sol esmaeceram no céu aliás meio oculto pela folhagem. A noite encheu a caputera de sombras e mistérios. Um oitibó vozeou na espessura. Pios, baques, rufos... Uma coruja passou perto da fogueira e "Perigoso" grunhiu em ameaça...

— Vai drumi, Chorona. Amanhã vamo caminhá o dia întero.

— Chorona é a vô Torta...

— Oia: você dorme no lado direito. Eu durmo no ôtro... Num tenha medo... que eu só cavaêro e arrespeito fia aêa...

Abriu o picuá, tirou um grande saco de lona e atirou-o ao colo de Aninha.

— Vai drumi.

— Trate de sua vida.

— Hum! Tá cheia de lodaça de novo? — afinou a voz arremedando-a irônico: — Seu Caboco, tem dó d'eu... Seu Zezinho... Veja só: Inté de Zezinho me chamô... ah... ah... ah... Zezinho!

Aninha fez um muchôcho enraivecido e meteu-se no tejupá.

Zé Caboclo ficou cachimbando e aticando o fogo muito tempo, depois entrou de gatinhas no tejupá e meteu-se no saco de lona. Ficou mais de uma hora sem sono, olhando como fascinado o

coisa, talvez do Saci, rolara sorratamente para o seu lado e fizera-lhe o braço de travessero. A fogueira estava apagada. O cachorro também se refugiara no tejupá e dormia ao lado do dono. Zé Caboclo ficou inteiramente imóvel muito tempo, atarantado. O hálito débil da mulher, bafejando-lhe o rosto, produzia-lhe uma sensação agradável, inédita. Estava como sob um encantamento. Aninha... Que diabo... Confiança nêle ou que seria? Alongou os lábios a mão, pousou-o de leve naquela pele macia. Aninha remexeu-se.

— Que frio, seu Caboco!

Ele aproveitou a ocasião para libertar o braço. Virou as costas e permaneceu muito tempo sem poder dormir. — Hum, inté parece tentação do Capêta! — resmungou meio irritado. — Quem havêra de maginá uma coisa dessa? Váta!

No dia seguinte ergueram-se sem nada dizer e caminharam horas e horas em silêncio por dependurados, matas, bibócas.

— Cansada, Chorona?

— Chorona é a vô Torta.

— Escuta.

Ficaram apreensivos uns dois minutos. O estranho rumor tornou-se mais nítido. O homem avistou uma enorme arceira tombada na floresta, grandes raízes à mostra. Segurou Aninha estabernadamente pelo braço e arrastou-a para junto do tronco.

— Suba... Suba... Depressa...

Ela obedeceu, assustada.

— Uma vara de queixadas... Segura essas coisas aí... "Perigoso!" "Perigoso!" P'ra onde foi aquele cachorro? — indagou, aflito.

O barulho aumentava assustadoramente num contínuo quebrar de ramos, gravetos, folhas secas de mistura com grunhidos. "Perigoso" ladrô provocando imprudentemente a bicharada feroz que, em varas, nem as onças respeita. Latiu, mas quando viu as coisas pretas, botou a cauda entre as pernas e disparou como uma flecha...

[Conclui na sexta página]

O ALCOOLISMO ENTRE AS FORMIGAS

[Conclusão da terceira página]
-se suspensas no teto dos compartimentos especiais que lhes estão reservados; é, pois, em sua boca que as demais operárias vêm apañar o líquido açucarado destinado às larvas ou às formigas ativas, porque — isto é interessante — o nectar aprovisionado é unicamente recolhido nas galhas de pouca duração de certa espécie de carvalho. O formigueiro, passado o curto tempo da colheita, ver-se-ia desprovido desse precioso líquido, se não tratasse de armazenar a maior quantidade possível, e é para conservá-lo intacto e ao abrigo que algumas operárias se transformam em reservatórios e sacrificam-se pelo bem geral.

UM VÍCIO QUE DIZIMA OS FORMIGUEIROS

Certas espécies de formigas levam a coisa mais longe, tão longe que se não trata mais de glotonaria, que afinal não passa de amável defeito, mas de um verdadeiro vício coletivo de um mal social.

Ninguém ignora que os formigueiros abrigam numerosos comensais, dos quais uns são perseguidos, outros suportados e os últimos bem tratados. Entre estes, os que merecem das formigas uma paixão funesta por causa dos líquidos que exsudam. Em primeiro lugar, vêm os pulgões que as formigas domesticaram de certo modo, porque lhes fornecem a elas uma excreção açucarada que constitui um alimento de luxo. É de vêr com que carinho elas os tratam, e transportam para as mais profundas galerias quando vem a estação fria. Nossos criadores não dispensam mais cuidado ao seu gado.

Outros comensais, hymenopteros, proctotrupidos, coleopteros, etc., têm igualmente a propriedade de produzir uma espécie de óleo etéreo, falto de qualidades nutritivas, que sai pelos poros, das papilas, etc. e do qual as formigas se mostram ávidas, pelas mesmas razões, é de supor, como veremos mais adiante, que o homem aprecia o álcool.

Mas esses insetos, sendo comensais, não fornecem o líquido de graça. Alguns são alimentados na boca; outros devoram as larvas das formigas; outros ainda fazem a postura sobre os ovos e as larvas, de que se nutrem os vermes. Resulta daí grande prejuízo para o formigueiro e para a descendência; as larvas vêm-se privadas de parte dos alimentos que necessitam e algumas são até devoradas. Segundo Chapman, Oberthur e Powell, as lagartas da "Lycaena Alcon" são levadas pelas formigas que tomaram gosto pela substância excretada de suas papilas dorsais; uma vez no formigueiro, elas mudam de regime; de vegetariadas puras, tornam-se carnívoras e nutrem-se das larvas gordinhas dos seus imprudentes amfitrões.

No dizer dos observadores precedentes, as formigas parecem não ignorar os prejuízos que causam esses comensais, mas, dominadas, como os alcoolatras ou os morfomanos, pelo vício, não recuam diante de nada para satisfazê-lo.

O que segue prova-o mais ainda, e quem o referiu foi Wasman. Certos comensais, "Atemeles", "Lomechusa", pouco a pouco deixaram no formigueiro de prestar assistência à própria progênie, porque as formigas se encarregaram de fazê-lo; como, porém, estas larvas são muito vorazes, a ração que lhes servem não é suficiente para saciá-las; então, desavergonhadamente, elas se atiram à descendência das suas benfeitoras. Que fazem estas para prevenir tais perigos? Desfazem-se ou perseguem esses incômodos hóspedes? Nunca! A fim de não se privarem do licor adorado, elas se esforçam por aumentar a ração delas e, para isso, não encontram melhor meio que diminuindo a das próprias larvas. Não que desonhem o perigo proveniente da desparição de grande número de larvas de operárias; elas lhes fornecem a alimentação conveniente a larvas de operárias, mas as graves consequências não tardam a aparecer.

Com efeito, as larvas não produzem nem fêmeas nem verdadeiras operárias, mas "pseudônimos", isto é, fêmeas infecundas e inaptas ao trabalho de operária.

Assim, pois, as sábias e previdentes formigas também sacrificam, às vezes, à sede do prazer, o futuro de sua raça. Que espetáculo apresenta um ninho de "Formica ruja" dominada por essa paixão! As operárias, mais que nunca atarefadas, esgotam-se à procura de alimentos; desdram-se, entram, saem com precipitação, enquanto os comensais, tornados parasitas, se multiplicam tranquilamente; e as ninfas reais, condenadas a razões insuficientes, desenvolvem-se com dificuldade e tornam-se indivíduos sem forças que serão um novo e pesado encargo para a coletividade. Paulatinamente, o número de operárias vai diminuindo, porque não são

renovadas com a devida presteza, e, no fim do verão, o formigueiro, outrora populoso, apresenta-se dizimado: provisões não existem, tudo foi devorado; as fêmeas não põem mais, os pseudônimos morreram por falta de alimentação; e as últimas operárias ou levam uma vida sem objetivo algum, ou procuram acolhimento em outro formigueiro, onde levarão talvez, pelo contágio do exemplo, o germe do vício que arruinou a sua cidade natal.

OS MALEFÍCIOS DA EMBRIAGUEZ

Wasman admira-se das formigas chegarem a tal grau de perversão. Ele observou que as operárias que beberam o líquido etéreo manifestam grande contentamento e desenvolvem atividade anormal, quase doentia. Ele chegou à conclusão, sem conhecer a exata

composição desse líquido, dotado entretanto de odor característico que faz pressupor a sua natureza, que este deve excitar de maneira agradável o sistema nervoso das formigas e foi levado a comparar sua ação à do álcool ou do éter sobre a espécie humana. E assim a formiga seria vítima de uma espécie de alcoolismo ou, melhor, de toxicomania, que acarreta necessidades e impulsos irresistíveis diante dos quais desaparecem as obrigações impostas pela vida coletiva.

Tal interpretação não pode deixar de parecer bastante antropomórfica. Não sabemos, com efeito, se o mecanismo invocado por Wasman é justo, se o licor é realmente embriagador e tóxico e ocasiona as mesmas desordens que o álcool, a cocaína e o ópio. Mas a comparação não é menos admirável. Em uma família de alcoólicos e num formigueiro envenenado pelo ví-

cio, a marcha da decadência e da destruição é a mesma: primeiro, super-atividade e euforia; depois, reservas absorvidas pela paixão, negligência pela alimentação, pelo alojamento, pelo futuro, pelos deveres coletivos; e a descendência, se não desaparece, torna-se fraca, tarada, imprópria para os deveres sociais e desaparecendo prematuramente sem deixar progênie; e assim extingue-se a linhagem. Tal paralelismo de efeitos, já o dissemos no princípio deste artigo, é bastante impressionante: ele tende a mostrar que o homem não goza do triste privilégio de se intoxicar por prazer, e que sua inteligência não o protege mais que o instinto das formigas contra os males das toxicomanias. Constatação bem triste, porque até agora só se conhece um vício destas, enquanto inumeráveis são os do homem.

CAMBADA RUIM

[Conclusão da quinta página]
Passou junto da aroeira, correndo como uma lebre para os lados de um grotão próximo.

Atrás dele a enorme vara de porcos selvagens irrompeu assanhada, soltando grunhidos de cólera, grandes presas à mostra. O horrível barulho dos dentes ouvia-se à distância.

Quando a manada desapareceu por entre as árvores, Zé Caboclo saltou ao chão, aflito... Que fim levará o cão imprudente? Se os malditos tuissús o abocanharem, seria estraçalhado em um minuto...

Certo de que nada podia fazer para salvar o cão, Zé Caboclo pôs-se de novo em marcha preocupado. O rosto ensombrou-se-lhe de tristeza. De cinco em cinco minutos punha dois dedos à boca e soltava silvos agudíssimos que se ouviam a quilômetros de distância, na esperança de ser ouvido pelo cão e poder orientá-lo. E assim caminhou entristecido a tarde inteira, como se perdesse um irmão, uma pessoa queridíssima. Aninha, compreendendo o pesar, respeitou-lhe o silêncio. O rosto atrevido do homem fechava-se numa indefinível expressão de amargura. As quatro horas da tarde uns ganidos distantes, para os lados da várzea do Urussanga, responderam-lhe ao silvo. Era o animal procurando orientar-se na sua maneira canina de comunicar-se com o dono. Perdera-lhe com certeza o rasto. O semblante de Zé Caboclo iluminou-se de uma alegria quase infantil. Olhou comunicativo a companheira:

— Viu? Sarvô-se...
Pôs nervosamente os dedos à boca e silvou, silvou, como um louco até o momento em que o cão lhe parou aos pés balançando alegremente a cauda e saltando-lhe às pernas.

As estrelas já brilhavam no céu, quando chegaram ao ribeirão do Canindé. Era uma bocaina soturna, coberta de uma única mata virgem e cortada por um só caminho que conduzia ao araxá. Aqui e acolá um depredador agressivo, pedra estriada de acanaladuras, emergindo do imenso mato florestal... As águas rumorejavam quase inaudíveis na corredeira próxima indo denpenhar-se com estrondo numa ituparanga a dois quilômetros.

Descobriu-se um providencial rancho de caçadores ao pé de uma cabiuna. Zé Caboclo alojou-se nele.

No outro dia, ao acordar, quando sentiu o peso da cabeça de Aninha sobre o braço esquerdo, em vez de sentir-se lisonjeado, revoltou-se. Bolas! Aquela confiança até parecia pouco caso.

— Escuta aqui... Que é que você tá pensando que eu sou, han! Isso intê já é desafôro ô poca vergonha! Tá me achando cum cara de múiê? Han! Que é que tá pensando d'eu?

— O sinhô é um home bão. Eu tenho confiança ni si.
— Éle olhou-a de esguêlha.
— Sô muito bão, mas sô home... Empunhou o facão e desapareceu no cerrado. Quando voltou, meia hora depois, trazia um monte de embiras nos braços e em volta do pescoço.

— Mi ajuda a esfiapá e torcê isso — ordenou sêcamente.

Desamarrou o monte de espingardas, experimentou as molas de

uma por uma pôs buxa e pólvora, no cano direito, buxa, pólvora e chumbo no esquerdo. De um lado pólvora sêca, do outro terríveis cargas de chumbo. Desceu para junto da estrada. Trepou a um timburi, armou duas espingardas amarradas em ramos diferentes e apontando para as proximidades da cabeceira do pontilhão, amarrô uma embira em cada gatilho, desceu passando-a através de um cipal. Bastaria puxar uma embira para disparar um cano. A descarga desceria firme para o ponto escolhido na estrada. Pôs uma espingarda nos ramos de uma emburana, outra numa sapaiva, duas numa urucurana. As espingardas restantes dispôs-las junto de uma moita de maricá, de uma toiceira de taquera e de outra de gravatá... Separou cuidadosamente as embiras correspondentes ao cano de pólvora sêca das do outro. Foi ao pontilhão e destruiu-o com o facão e manejando uma alavanca de pau.

Os cavaleiros vindos do Bibocão teriam forçosamente que parar e levar mais de uma hora fazendo concertos...

Deu um fuzil à Aninha e ficou com outro.

Estava preparada a cilada. Compreendendo o engenhoso plano, Aninha estava entusiasmada antes a perspectiva de capturar facilmente todo o bando. Zé Caboclo fitava-a admirado e não duvidou de ter junto de si uma companheira de confiança.

— Tá com medo, Chorona?
— Não! — disse ela irritada com aquele "Chorona" e empunhando o fuzil. — Medo di quê?

O grupo de cavaleiros surgiu na volta do caminho tocando à frente dois burros de carga. Pararam praguejando junto ao pontilhão destruído. Zé Caboclo contou nove... esperou a posição favorável. Depois o seu vozeirão trovejante se ergueu firme:

— Eh... vocês aí, cambada ruim!... Não se mexam senão lá vai pimenta...

João o Grosso reconheceu-lhe a voz e levou instintivamente a mão à cinta, como todos os outros...
— Esse peste ôtra vez!...

Ficaram aparvalhados olhando inutilmente a folhagem verde... De todos os lados moitas embastidas, cipal. Nada se podia distinguir de humano. Para aumentar-lhes a confusão, Zé Caboclo puxou duas embiras, uma atrás da outra. Uma espingarda detonou com estardalhaço no alto da urucurana, outra ameaçadora na sapaiva...

Os homens olhavam inquietos em todas as direções. Zé Caboclo soltou uma gargalhada satânica.
— Joga as arma no chão, cambada ruim! Estão numa arapuca. Se se metê a bêsta não escapa um.

Hesitaram ainda. João o Grosso não queria vender-se tão barato...
A voz de Zé Caboclo ergueu-se novamente no mesmo tom irrevogável:

— Vô mandá dá uma descarga p'ró á... só p'ra vocês assuntá qui estão cercado, cambada ruim. Eh!... Honoro, Manê Cumbaca, Chico Torto, Zé Caniana, Bastião, Ciriáco, Catuca, Janjão... Um tiro p'ro á... fogo!

As espingardas papoucaram num tiroteio estrepitoso... Os ecos no flanco da montanha multiplicaram os efeitos dando uma intensa fuzilaria.

Através da folhagem do cerrado, Zé Caboclo e Aninha observavam nos semblantes dos homens a impressão causada pelo aparatoso tiroteio. Era indistigível o susto que se apoderava de todos. Rostos amedrontados, os olhos buscavam em vão distinguir no cerrado sinais do inimigo invisível e só davam com a folhagem verde e impenetrável, a ramaria entrelaçada, o cipal emaranhado.

A voz de Zé Caboclo ergueu-se de novo, diabólica.

— Eh, seu nego preto, aí atrás, você, que tem mais catinga de valente... Vô li furá uma orêia, prá você ficá conhecendo a pontaria.

O tiro partiu e o sangue escorreu da orelha direita do Fortunato apalermado.

— Seu João o Grosso... Vamo, cambada ruim!... Todos as arma e palitós ao chão... Vamo... Vamo! Sinô lá vai pimenta... Já tô perdendo a paciência... Vô contá intê três... Um... Dois... Abão!... Agora, ogê, seu porquê-ra aí na frente, joga a carga dos dois burro no chão... Tá direito... Dexa o seu cavalo e amunta numa cangaia... João Grosso na otra! Vamo... vamo, cão danado... Ôia que me custa muito pôco te vará os testo com uma bala... ligero, bestaio... Ahan!... Chorona vai lá passá os óio p'ra vê se tá tudo direito...

Aninha saiu à estrada, revistou um por um, catou as facas e canivetes restantes, atirou-os com as outras armas ao mato...

Voltou à posição primitiva, da vigilância, empunhando um fuzil.

Desta vez, quem saiu foi Zé Caboclo com uma cavalo braçada de embiras fortes. Amarrô os homens um a um de braços para as costas e pernas atadas sob a barreira dos cavalos.

Recolheu as espingardas nas armadilhas.

Montaram êle e Aninha nos dois cavalos desocupados.

— Cadê os ôtro? — indagou João Grosso, surpreso.

— Os ôtro!... Zé Caboclo fêz-se ingênuo. — Qui zôtro... Han... As espingarda... nas armadia... Um cano de cada uma tava carregado de póvra sêca, prá intimidá, mas o ôtro... era chumbo de verdade, seu coisa atoa... Espingarda ispaiadêra... Não escapava um... Que vregonha! Nove assombra-pau unhado por um home e uma múiê! — esguinchou um risinho canalha.

O bandido soltou um palavrão.

Aninha agitou o chicote no ar. Os animais puseram-se em marcha. Durante muito tempo ouviu-se o estrepito das ferraduras na serra.

No Bibocão, o delegado forneceu vários homens armados para escoltar os bandidos, mas antes de chegar ao Mutum, Zé Caboclo dispensou-os, fazendo que estão de chegar sozinho com Aninha à praça da igreja, tocando à frente, sob o rêlho, a "cambada ruim".

— Seu Caboco — gaguejou Aninha — eu... eu quíria li dizê uma coisa... seu Caboco...
— Quíria dizê que gosta d'eu, han? Já sei. Mas dêxe de chamêgo... Nós hoje sêmo da puliça.
— Qui home impussive!

Zé Caboclo esporeou o cavalo com garbo, estalou estrepitosamente o chicote no ar, ao vêr o povo que acorria à praça para assistir ao magnífico espetáculo da chegada do bando de João Grosso. O delegado Neco Lorota abriu a boca desse famanho; Manê Cumbaca e Zé Caniana arregalaram os olhos incrédulos; Dona Maricota persignou-se.

Agitando de novo o chicote, como se estivesse campeando uma boiada, Zé Caboclo passou junto da companheira de aventura e disse em voz baixa para que só ela ouvisse:

— Depois nós si casemo, Chorona...

**CARLOS DE LAET
E A ACADEMIA**

Quando foi fundada a Academia Brasileira de Letras não faltaram elogios, como também não faltaram censuras. Ao tempo que uns procuravam ressaltar as vantagens das associações literárias, outros se manifestavam contra a mesma. Carlos de Laet, um dos mais belos espíritos de nossa intelectualidade, que teve assento na Academia, foi dos que aplaudiram muito a criação da Casa de Machado de Assis. A respeito, êle escreveu:

"Havia antigamente um remédio que se chamava "triaga" — electuário em cuja composição entravam inúmeras substâncias heterogêneas. Destas, algumas eram tóxicas, mas logo na mistura perdiam a peçonha. O efeito final tornava-se magnífico. A triaga curava, diz-se, mordeduras de cobras e uma inflamação de mazelas. Quer-me parecer que com as academias se dá o mesmo. Entram nelas ingredientes formidáveis; mas, finalmente, o resultado é benéfico".

ULTIMAS PALAVRAS DE MULHERES CÉLEBRES

Desgraçado diadema! Nem ao menos podes prestar-me este triste serviço. — Monima, mulher de Mithridates, que não pudera estrangular-se com seu diadema (71 A. C.).

Sim, as minhas vozes eram de Deus. Tudo o que fiz, fi-lo por ordem de Deus. Não, as minhas vozes não me enganaram. Joanna d'Arc sobre a fogueira. Expirou repetindo a palavra *Jesus* (1412-1431).

Se abrissem o meu coração, encontrariam escrito aí o nome de Calais. — Maria Tudor, rainha da Inglaterra, morrendo de dor após a perda de Calais (1558).

Ouvi dizer que o carrasco conhece bem o seu ofício, e eu tenho um pescoço delicado! — Ana Bolema, mulher de Henrique VIII, rei da Inglaterra, condenada à decapitação pelo marido.

Não choreis! Tratai do vosso futuro. — Maria Stuart, rainha da Escócia, às suas aias, subindo o cadafalso. Dizei aos meus amigos — acrescentou — que morro como boa católica (1542-1587).

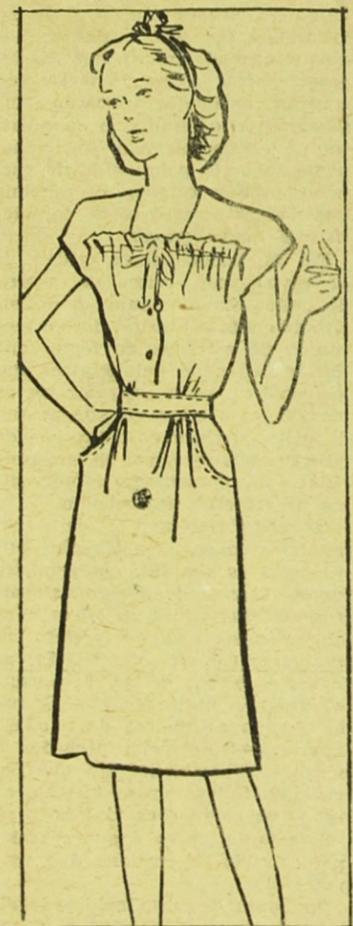
Minha filha é como Godofredo de Bulhão: quis defender meu título contra os infiéis. — Madame Geoffrin, mulher de letras, que a filha isolava dos amigos para convertê-la (1699-1777).

Cem anos de juventude

Aquele que quiser ser jovem até aos cem anos não terá mais o que fazer senão seguir o método do marajá de Aundh, que, em Londres, acabou de descobrir o seu segredo a um redator do "The People".

O marajá é um vigoroso septuagenário de olhos vivíssimos, de musculatura atlética e sorriso aberto. Sua mulher, mãe de oito filhos, parece uma jovem de dezesseis anos e tem quarenta.

— Eu viverei até aos cem anos, pelo menos — declarou o marajá.



Para mocinhas de pouco busto, apresentamos este modelo, que pode ser feito com qualquer tecido

A palavra "pânico" — temor ou medo injustificado — é derivada do deus Pã, ao qual eram atribuídos os ruídos nos montes e nos vales.

AGULHA & LÃ

PULÓVER PARA MENINO — Material: 2 meadas de 50 gramas de lã cinza; 1 meada de 50 gramas de lã bordô; 1 meada de 50 gramas de lã cinza; 1 meada de 50 gramas de lã verde-garrafa; agulhas: número 2½ e número 3.

Medidas: Comprimento total do pulôver, 28 centímetros; comprimento da manga na parte mais alta, 31 centímetros e na parte baixa, 19 centímetros; largura: 31 centímetros.

FRENTE — Com as agulhas n.º 2½ montam-se 100 p. com a lã cinza e fazem-se 3½ centímetros de ponto sanfona (*2 m., 2 t.*).

Com as agulhas n.º 3 fazem-se 8 carreiras de ponto de meia com a lã verde, sendo que na 1.ª carreira aumentam-se 10 p. espalhados, ficando 110 p. Fazem-se 2 carreiras de ponto de meia com a lã cinza, depois 8 carreiras com a lã bordô e assim sucessivamente.

Quando se completarem 12½ centímetros de ponto de meia fazem-se as cavas arrematando-se para cada uma 14 p. ao todo. No começo de carreira arrematam-se 4 p., 3 p., 2 p., 1 p. e no fim de carreira 2 p. j. ficando 82 p. Continua-se sem alteração e quando tiverem 18½ centímetros começa-se o decote dividindo-se os pontos em duas partes iguais e com uma arrematam-se no começo de carreira 3 p., 3 p., 3 p., 2 p., 1 p.,

p. j. ficando 20 p. Com 12 centímetros de cava arrematam-se os 20 p. de uma só vez. A outra parte faz-se do mesmo modo.

COSTAS — Montam-se 94 p. com as agulhas n.º 2½ e lã cinza. Fazem-se 3½ centímetros de ponto sanfona. Continua-se com as agulhas n.º 3 em ponto de meia e as listas na mesma ordem. Na 1.ª carreira aumentam-se 10 p. espalhados ficando 104 p. Quando se completarem 12½ centímetros de ponto meia fazem-se as cavas, arrematando-se ao todo para cada uma 1 p., 1 p. e no fim de carreira 2



Lindo modelo em tulê, de efeito surpreendente

HEREDITARIEDADE

Em uma festa, num grupo onde se achava Tristan Bernard, falava-se sobre moléstias hereditárias. — É muito complexo o assunto — disse o famoso humorista — e eu posso citar um caso bem curioso. Conheci um homem que morreu de tremenda indigestão. Seu filho...

— Seu filho... — interrompeu uma jovem que se encontrava a seu lado — já sabemos, também morreu de indigestão.

— Não, senhora — respondeu Tristan Bernard — morreu de fome!

FORNO & FOGÃO

SALADA DE PEIXE COM PALMITOS — Cozinha-se o palmito em água e sal, o peixe é assado. Separa-se a carne do peixe das peles e espinhas e tempera-se com o seguinte molho: 3 colheres de azeite, 1 de vinagre, uma gema de ovo, sal. Pode-se juntar ao peixe os palmitos, mas fica mais bonito o prato quando se coloca o peixe temperado sobre folhas de alface no centro da travessa e em volta do palmito picado e temperado com o mesmo molho.

CARNEIRO ENSOPADO COM BATATAS E REPÓLHO — Corta-se bem fino um repólho e descasca-se meio quilo de batatas, que são em seguida cortadas em fatias. Parte-se a carne de carneiro em pedaços e refoga-se em manteiga e banha com cebolas e tomates; junta-se em seguida o repólho, as batatas e pedacinhos de toucinho; rega-se com duas conchas de caldo de carne. Tampa-se a panela e deixa-se cozinhar em fogo brando.

SOPA DE LEGUMES COM QUEIJO — Cortar em rodela algumas cenouras, dois nabos e um aipo; aferventar na água e sal; refogar em seguida na manteiga e depois juntar água quente e deixar cozinhar em fogo brando. Passar por uma peneira, engros-

sar com farinha de arroz desfeita em leite, juntar depois três gemas de ovos, três colheres de queijo ralado e um pouco de manteiga.

SALADA DE ABACATE — Escolhe-se os abacates maduros, tira-se as cascas e corta-se em fatias, arruma-se em pratos de cristal (um para cada conviva) e rega-se com molho de vinagre, sal, pimenta; guarnece-se cada prato com uma rodela de limão.

BOLO IMPERIAL — 1 xícara de manteiga, 2 xícaras de açúcar, 4 ovos, 3 xícaras de farinha de trigo, 1 xícara de caldo de laranjas, 1 colher de leite "Moça", 1 colher das de chá, de fermento "Nestlé". Misturar e bater a manteiga, as gemas e o açúcar, juntar o caldo de laranja misturado ao leite, a farinha, o fermento e por último as claras em neve.

PUDIM DE OVOS E LEITE — ¼ de litro de água, 6 colheres das de sopa, de leite "Moça", 6 gemas e uma colher das de sopa, de açúcar. Dissolve-se o leite na água e juntam-se os outros ingredientes; passar tudo numa peneira e levar a uma fôrma untada de calda queimada e cozinhar em banho-Maria.

11 p. Nos começos de carreira arrematam-se 3 p., 2 p., 1 p., 1 p. e no fim de carreira 2 p. j. ficando 82 p. Continua-se sem alteração e quando tiverem 22 centímetros começa-se o decote, dividindo-se os pontos em duas partes iguais e com uma arrematam-se no começo de carreira 6 p., 6 p., 6 p. e no fim 2 p. j. ficando 20 p. Quando tiverem 12 centímetros de cava arrematam-se os 20 p. de uma só vez. A outra parte faz-se do mesmo modo.

MANGA — Começa-se com 66 p., agulhas n.º 2½ e lã cinza. Fazem-se 3½ centímetros de ponto sanfona. Continua-se com as agulhas n.º 3 e as mesmas listas. Fazem-se 15½ centímetros de ponto de meia aumentando-se 7 p. de cada lado, ficando 80 p.

Diminuem-se 6 p. de cada lado, depois 2 p. j. no fim de carreira até 52 p. Fazem-se 10 carreiras sem alteração, depois 2 p. j. no fim de carreira, até ficarem 30 p. que se arrematam pegando-se os pontos de 2 em 2 p. j.

Acabamento: Cosem-se os ombros, depois em toda volta do decote levantam-se 136 p. com as agulhas n.º 2½ e lã cinza, fazem-se 3 centímetros de ponto sanfona e arrematam-se os pontos. Dobra-se esta ao meio cosendo-se ao decote. Coloca-se um zípe no ombro esquerdo.

Tudo depende da aparência...

Certo editor desejava publicar uma obra de Balzac, que então estava quase no começo de sua gloriosa vida literária, gozando porém já de algum prestígio no mundo das letras.

O livreiro, depois de bem calculadas suas contas, decidiu-se a visitar Balzac e a oferecer-lhe 3.000 francos pela propriedade da obra.

Perguntou pelo domicílio do novelista e, ao saber que residia num bairro popular, disse consigo mesmo:

— Vive nesse bairro! Não lhe oferecerei mais do que 2.000 francos.

Chegando à casa de Balzac, averiguou que ele habitava o quarto andar, e pensou:

— No último andar! Bastarão 1.500 francos.

Bate à porta: abrem; vê um modestíssimo mobiliário:

O PEIXE, O TABACO E A NICOTINA

Se, por um período de dois meses, dia sim, dia não, prendermos três peixes em um recipiente contendo 600 cc. de água misturada com suco de folha de fumo em uma proporção aumentada progressivamente de 7,5% a 22%, veremos que eles se identificam com este meio narcotizado. A prova está no seguinte: colocando outros três sem aquele regime junto deles, dentro de duas horas e dez minutos não restará vivo nenhum. O primeiro morrerá dentro de 55 minutos, o segundo após 65 minutos e, finalmente, o terceiro, em duas horas e dez minutos. Resta dizer que, devolvidos ao rio ou ao lago, a sua vida continua com a mesma naturalidade de outrora.

Com a nicotina obtemos o seguinte resultado: colocado um peixe, por trinta dias, em um vaso contendo água nicotizada, ele resistirá, ao fim daquele tempo, a uma concentração de nicotina... (0,003 cc. por litro d'água) capaz de fulminar qualquer outro animal da mesma espécie.

COMO SE LEVANTAM OS RUMINANTES

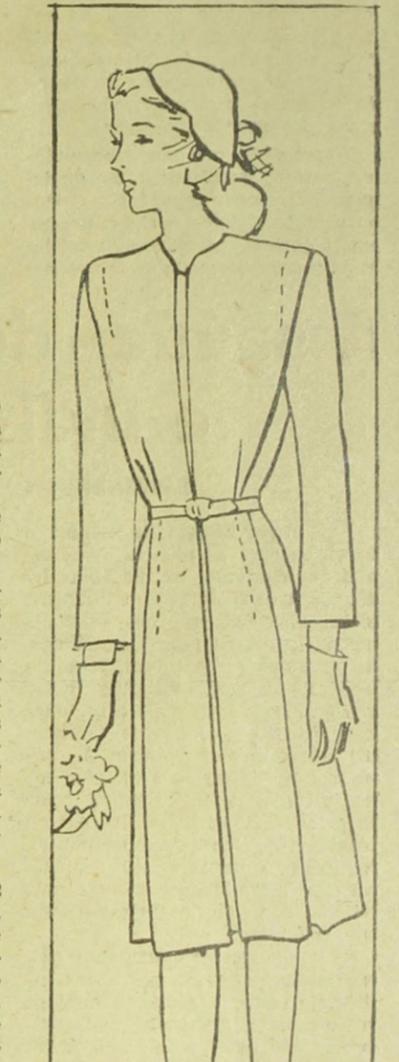
Ruminantes como o gado, ovelhas, antílopes, camelos, etc. — levantam-se usando em primeiro lugar as patas trazeiras, ao passo que os outros procedem de maneira diferente.

— Como tudo é pobre aqui! Não darei mais do que 1.000 francos.

Entrou no quarto, em que o novelista estava comendo, como primeira refeição, um pedaço de pão molhado náguia.

— Mas isso é uma miséria! — resmungava o filantrópico editor. — A mais espantosa miséria!... Não dou mais de cem escudos!

E com esse preço, 300 francos, Balzac vendeu sua novela "La dernière fée", classificada hoje em dia entre as melhores obras de sua juventude.



A jovem que espera a vinda da cegonha, necessita sempre de um casaco para disfarçar um pouco a natural deselegância nessa época. É para ela que sugerimos um modelo como este

Efeitos salubres do esporte ciclístico

O ciclismo é um dos esportes cujo exercício é possível às mais largas camadas populares, ligando o belo ao útil. A bicicleta leva-nos para o campo, para a bela e livre natureza, pelos caminhos que são acessíveis unicamente a ela, longe dos ruídos e perturbações da cidade, dos automóveis, das motocicletas, enfim — da insana civilização moderna...

Existem esportes cujos efeitos são muito parciais e locais — do ciclismo, entretanto, podemos afirmar o contrário; nele, quando inteligentemente praticado, aproveitam e desenvolvem-se todos os músculos do corpo. Para o combate contra o forte grupo das moléstias da assimilação nutritivo-digestiva bem como contra todas as dores e fenômenos gotosos, parálises e reumáticos não se pode deixar de repetir o antigo mas tão verdadeiro lema: "Mais movimento físico!" Quem não sabe serem as causas principais das varizes, que, no seu desenvolvimento contínuo e inevitável, trazem consigo sérios incômodos, a insuficiência do movimento das pernas e as perturbações e funcionamentos defeituosos do aparelho circulatório sanguíneo?

Efeitos extraordinários e interessantes demonstrou já frequentemente o ciclismo em casos de uma pronunciada tendência para a obesidade. Deve sempre, entretanto, recomendar-se muito cuidado, pois o excesso e exagero de um esporte, qualquer que seja, traz consigo perigos contra os quais o organismo enfraquecido de pessoa corpulenta não está suficientemente armado e protegido. Também no que diz respeito à idade seria bom não exceder de certos limites no exercício do ciclismo.

Frequentemente, nota-se um melhoramento muito sensível do estado de saúde de pessoas gastrálgicas que sofrem da falta de apetite crônica, principalmente quando se trata de perturbações nervosas das funções gástricas.

O coração é que corre os maiores perigos resultantes de quaisquer excessos e exageros, físicos ou psíquicos. Estes perigos, porém, em idênticas condições, também as traz consigo qualquer outro es-

GUTE GESUNDHEIT

porte físico. A cautela ordena que, principalmente nas fortes subidas e nas situações de contra-vento, se desça e empurre o veículo, sendo, no caso contrário, dema-



siadamente alto o consumo de oxigênio do organismo e, com isso, o aumento da pressão sanguínea. Já várias vezes se contaram as batidas do pulso de ciclistas, ime-

diatamente após difíceis subidas, e verificou-se ter sido ultrapassado o limite de 200 pulsações por minuto. À exigência, naturalmente aumentada, de oxigênio, nem pela aceleração das pulsações pode o coração corresponder, em estado normal: daí as conhecidas e perigosíssimas dilatações cardíacas, provocadoras do funcionamento defeituoso do aparelho circulatório sanguíneo, e com isso, do organismo inteiro. Ao contrário, entretanto, seguindo-se estrita e inteligentemente as prescrições médicas, pode-se, pela prática do esporte ciclístico, curar-se a neurose cardíaca e defeitos no funcionamento das válvulas cardíacas. Além disso, tem-se notícia de numerosos casos em que se observam visíveis melhoras, pelo exercício limitado e moderado do ciclismo, na arterio-esclerose, mesmo em estado avançado.

Os maiores efeitos positivos causados pelo ciclismo, entretanto, demonstram-se no tratamento da fraqueza nervosa, neurastenia, irregularidades do sistema nervoso e anemia.

O MEDO DO ESCURO

MARGARIDA SILVA

Muitos médicos famosos, especializados em psicoanálise infantil, chegaram a esta conclusão: "O medo do escuro penetra na criança, na idade em que começa a desenvolver-se a sua imaginação".

Afirma-se que o medo é como "um eco, uma sensação hereditária" que nos vem dos remotos princípios da humanidade, quando as tribos se enchiam de pavor ao caírem as trevas da noite.

Na atualidade, a mãe cuidadosa pode perfeitamente desterrar da alma de seu filhinho o medo à obscuridade.

Desde o primeiro lustro da sua vida, começa a criança a sentir-se atraída pelos contos, as narrações fantásticas, as aventuras de meninos e animais. É então que deve intervir a mãe; a ela compete vigiar para que a criança vá gradualmente aprendendo e evitar contar-lhe contos que possam exaltar o seu sistema nervoso. Até aos dez anos, as crianças acreditam absolutamente nos seus heróis e heroínas e por isso, devem escolher-se exemplos que possam imitar.

As noites encerram maravilhas desconhecidas de muitas crianças. Vi uma ficar pálida, quando viu a lua, pela primeira vez.

Os passeios noturnos podem ser muito úteis para as crianças, assim como uma rápida contemplação das estrelas, ou uma sumária relação a respeito delas. Procurar-se-á conseguir que elas observem a luminosidade dos astros para se familiarizarem com a obscuridade e achem agradáveis. As histórias de monstros que devoram crianças de noite, devem evitar-se, substituindo-as por outras narrações. Nada mais triste do que ver crianças nervosas, que não são capazes de dormir num quarto, às escuras, e sofrem de pesadelos e sonhos intranquilos.

As sombras que projetam nas paredes um mundo de seres fantásticos têm sido culpadas de muitas horas de pavor e de insônia infantil, em crianças que exigem uma "lâmparina para poderem dormir". É preciso fazer-lhes notar a sabedoria da natureza, ao dispor que a noite seja escura e, portanto, propícia ao descanso.

Quando se leva as crianças a passeio pelo jardim, antes de adormecer, deverá fazer-se-lhes notar o silêncio que envolve as coisas durante a noite. Acostumá-las assim à paz e ao sossego, é lançar o primeiro chamado do subconsciente, ao outro "eu" que é mais tarde o melhor reflexo do que fomos ontem; é despertar a consciência e o amor da vida interior.

O NOSSO VENENO COTIDIANO

DR. CHARLES FLESSINGER

Cada dia que passa, envenenamo-nos um pouco mais, e, quanto a alimentos, quase nada recebemos. A culpa é da nossa respiração. Queiramos ou não, absorvemos, a todo instante, um gás eminentemente tóxico: óxido de carbono. É este gás que mata os que se descuidam, conservando fogões acesos em quartos fechados.

Nas minas, uma explosão local produz, de súbito, quantidade enorme de óxido de carbono. Os trabalhadores, sufocados, morrem quase imediatamente; os que acorrem, para os socorrer, também ficam expostos ao mesmo perigo; arriscam-se a tombar ao lado dos que pretendem salvar.

Tais fenômenos vêm, há muito tempo, preocupando os higienistas. Mais ou menos raros, perdem, porém, a importância, diante dos estragos cotidianos efetuados pelo envenenamento subreptício, de que não suspeitam os que são suas vítimas. O óxido de carbono é absolutamente inodoro e não é possível perceber-lhe a existência no ar que se respira.

Há profissões que se tornam particularmente perigosas. Todos os que necessitam do emprêgo do gás de iluminação devem permanecer alerta, e, frequentemente, vigiados de perto. Estão nesse caso os químicos, os trabalhadores em solda autogena, os operários das fábricas de vidro, os metalúrgicos, os que produzem ampólas para usos farmacêuticos, e até os empregados de fábricas de lâmpadas elétricas. Para estes, naturalmente, os perigos não são os mesmos que existem para os mineiros, porquanto, nas minas, os explosivos empregados despreendem mil litros de óxido de carbono por quilo de material.

Na realidade, qualquer quantidade de óxido de carbono, superior a um por cento mil, é nociva à saúde pública. Esta cifra é frequentemente excedida nas oficinas, bem como nas salas em que trabalham as engomadeiras. As cozinheiras, que passam o dia junto

ao fogão a gás, pagam o tributo mais pesado, nesta classe de acidentados.

Falemos, agora, dos processos de calefação. Os aparelhos de combustão lenta, os aquecedores dos banheiros, as mesas de aquecimento, a querosene, etc., são fontes de emanações suspeitas. Tais aparelhos funcionam, na aparência, de maneira normal, mas nem por isso quem se acha nas suas proximidades se encontra ao abrigo de ameaças graves. Em regra, nunca se pensa que se está sendo incomodado. Tais processos de calefação são tão práticos...

Depois dos processos de calefação, são as chaminés que entram em jogo. Desconfie-se, sobretudo, das residências em que se haja declarado fogo na chaminé, ou em que se verifique a possibilidade de obstrução das bocas de escapamento.

Quando se sai de um recanto invadido, mesmo ligeiramente, pelo óxido de carbono, a contaminação persegue-nos. Os rolos de fumaça das fábricas e a combustão de óleo e de essência, que se multiplicam, em consequência do número sempre crescente dos automóveis, representam outros perigos para os seres humanos. Em certas ruas de Nova Iorque, a análise do ar revelou quantidades de óxido de carbono superiores a um por dez mil. Esta cifra é muitas vezes maior do que a compatível com a manutenção normal da saúde pública.

Entretanto, quando há óxido de carbono no ambiente, nada, em particular, chama a atenção de quem quer que seja. Os sintomas reveladores não se manifestam. Só os enfermos sentem um pouco agravado o seu mal. Por exemplo: um dispéptico digerirá mal, e terá vômitos — coisa que não teria em ambiente de ar normalmente respirável; um reumático se queixará mais das suas dores; os que sofrem de insônia sentir-se-ão mais fatigados na manhã do dia seguinte.

A "celulite" faz parte das formas de envenenamento lento por meio de óxido de carbono. O enfermo de "celulite" produz gordura para se defender. Há outras causas que intervem: a sedentariedade, a glotonia e a higiene defeituosa. Nunca se pensará demasiado a respeito dos perigos do óxido de carbono. As dores da celulite não são combatidas apenas por meio de massagens. Nestes casos, certas águas minerais encontram excelente aplicação, restabelecendo o equilíbrio da nutrição. Em grau elevado, o envenenamento lento pelo óxido de carbono produz estados de anemia que podem revestir-se de características muito graves.

Em fenômenos desta ordem, já se assinalaram crises de angina de peito. Na Alemanha, o doutor Kroetz conta a história de um mecânico de estradas de ferro, que fôra envenenado pela fumaça das locomotivas; só a aspiração de ar viciado foi a causa da sua angina de peito; declarando-o incapaz de prestar mais serviços, na sua profissão, foi aposentado como vítima de acidente no trabalho.

Os cuidados contra os envenenamentos pelo gás referido são mais ou menos simples: em primeiro lugar, trate-se de arejar sistematicamente as minas, as oficinas, os laboratórios e qualquer recinto em que se efetue uma combustão; as fortes correntes de ar, bem concebidas, são indispensáveis. Quando alguém se queixa de males inexplicáveis, convém proceder a perícias no ambiente em que ele trabalha. Suprimam-se todas as fontes de emanações tóxicas.

Entretanto, como é que se sabe que o óxido de carbono é o responsável?

Do ponto de vista médico-legal, é preciso que se consiga a prova concreta, o que requer pesquisas de laboratório. Investiga-se a existência de óxido de carbono no sangue. Com a supressão das fontes de emanações suspeitas, e com uma excursão dos indivíduos afetados ao campo, ou às montanhas, nada de grave acontecerá.

Editor responsável:

SERVIÇO AUXILIAR DE IMPRENSA [SAI]
Rua Boa Vista, 234 — São Paulo

A saúde - dever social e individual

BENJAMIM C. GRUENBERG

O desenvolvimento da ciência e das aplicações da ciência às coisas práticas da vida trouxe, não há dúvida, com algumas vantagens, sérias dificuldades. Não existe a sabedoria antiga para guiar-nos, nas circunstâncias novas. Manter-se em boa saúde tornou-se coisa muito dependente das atividades individuais e sociais que recebem suas diretrizes da ciência. As novas condições foram estudadas intensiva e sistematicamente pelos próprios métodos que lhe deram nascimento. Não podemos, porém, regressar à natureza. O remédio para as dificuldades, criadas pela ciência, tem de encontrar-se em mais ciência.

As mudanças produzidas pela revolução industrial tem outra influência sobre a saúde, a qual se vai tornando, dia a dia, mais evidente. Até aqui, a falta de saúde ou a doença diziam quase unicamente respeito ao indivíduo e seus parentes imediatos ou seus amigos. A medida que o tempo passa, a doença dos indivíduos torna-se objeto de enorme significação social, na sua fase política e econômica. Sabe-se, por exemplo, que uma pessoa doente pode conver-

ter-se em ameaça para a saúde de seus vizinhos, como foco ou meio de infecção. Além disso, a crescente complexidade da nossa existência torna, mais tarde ou mais cedo, aqueles cuja saúde não é boa um peso e uma carga para os outros.

Nas relações industriais, a pessoa doente ou sofredora é incapaz de desempenhar a sua parte da tarefa total. Ele gasta mais do que a sua parte de custo e vigilância. Muitas vezes até faz baixar a produção dos outros, ou aumentar os azares do trabalho. A sua incapacidade obriga eventualmente a uma aposentadoria numa idade indevida, por antecipada.

Assim como há vantagem para cada indivíduo de comunidade em que o seu companheiro seja inteligente e instruído, e o mais competente possível, assim é de vantagem cada um ser forte e são. Grande parte das custas da doença recaem sobre a comunidade, direta ou indiretamente. Aqueles que, decididamente, não estiverem abaixo da normal, devem reconhecer que estão sendo gravemente prejudicados pelas decadências higiênicas dos outros".